

# Convergência

Maio, Junho e Julho • 2021 • ANO LVI



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar  
Padre Jaldemir Vítório, sj  
Irmão Lauro Daros, fms  
Irmã Nivalda Milak, fdz  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb  
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário



## *Editorial*

Abundância, Benção e Dom.....	5
-------------------------------	---

## *Mensagem*

Santa Missa na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus.....	9
---	---

## *Mártires e Santos*

São Paulo da Cruz .....	12
-------------------------	----

## *Informes*

Nomeação da Ir. Maria Inês V. Ribeiro e Ir. Márian Ambrósio .....	15
Que Parábolas para este Tempo? .....	16
Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida abrem nova missão à serviço da Prelazia Apostólica de Borba/AM .....	22
Mensagem da Presidente da CRB Nacional para o Dia Mundial da VRC .....	26
Carta da Congregação dos Institutos de VC e Sociedade de VA aos Consagrados e Consagradas .....	29
Conhecendo melhor o Texto-Base da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 .....	31

## *Artigos*

Vida Religiosa Consagrada Feminina Negra no Brasil .....	38
<i>Ir. Maria Heloísa Helena Bento, SND</i>	

Escutar Deus na Era Digital: A Espiritualidade Cristã em Novos Tempos .....	52
<i>Padre Alfredo Sampaio Costa, SJ</i>	
Sentido humano e religioso da Fecundidade na Vida Consagrada .....	62
<i>Irmão Afonso Murad, fms</i>	
Os votos religiosos na perspectiva do Sínodo para a Pan-Amazônia .....	73
<i>Frei Vanildo Luiz Zugno</i>	
Crise na Vida Consagrada e as Contribuições do Método ADI/TIP .....	80
<i>Priscila Garcia Silva</i>	
Ave, Senhora, Rainha santa: Aspectos da devoção Mariana na tradição Franciscana.....	90
<i>Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, OFMCap</i>	
 <i>Resenha</i>	
Viver em comunidade para a missão.....	100
A Hora de Deus - a crise na vida cristã.....	104



## ABUNDÂNCIA, BENÇÃO E DOM

PE. JOÃO DA SILVA  
MENDONÇA FILHO, SDB

**N** homilia da festa de Guadalupe, Papa Francisco apresenta três palavras que têm sua origem na plena graça de Deus: A abundância de Deus em Maria e na humanidade; a benção, no sentido de que, toda a ação criadora é plena benção de Deus; dom, que é Deus que se derrama como a chuva sobre nós. Essas palavras iluminam o nosso caminho, mesmo diante dos conflitos.

Um dos conflitos são as questões raciais que nos alertam de que vivemos ainda, infelizmente, o drama sistêmico do ódio contra o outro, a ponto de eliminá-lo, como é narrado no mito Caim e Abel (Gn 4, 1-16). No fundo, infelizmente, a dificuldade de aceitar cor e raça é um combustível que queima na sociedade e nas religiões.

Na VRC, as formas de preconceitos, mesmo que, às vezes, encobertas estão presentes. Para contribuir com a reflexão e conversão, Irmã Maria Helena Bento, religiosa de Notre Dame, apresenta um estudo com o título “vida religiosa consagrada feminina negra no Brasil.” Narra o processo de assimilação e reconhecimento da religiosa negra no Brasil e aponta questionamentos preciosos.

A pandemia conectou a todos nós às plataformas digitais. Apesar do distanciamento social, não perdemos o desejo da comunicação. Surgiu de forma mais expressiva o homo technologicos criando pontes virtuais, proporcionando o encontro, mesmo que distante. É com essa novidade

que veio para ficar que o padre Alfredo Sampaio Costa, jesuíta, apresenta uma objetiva reflexão com o título “escutar Deus na era digital: a espiritualidade cristã em novos tempos”. Este tempo novo e terra nova fez de nos religiosos (as) samaritanos comunicacionais. Não podemos perder essa nova condição.

Com a sensibilidade marista, Irmão Afonso Murad rompe com o esquema puramente produtivo e comercial das habilidades humanas. Em um contexto de mercado que tudo avalia com a visão da produção, ele nos convida a resgatar a fecundidade da VRC. Saber compreender a fertilidade à luz dos carimãs fundacionais, a fonte que inspirou os fundadores (as). Com o artigo “sentido humano e religioso da fecundidade na VRC”, Murad nos convida a voltar à forma original do bem viver, a partir dos vulneráveis.

São João Paulo II disse, na Exortação Vita Consecrata, que os conselhos evangélicos eram o maior desafio para a VRC. De fato, sempre foram e continuam sendo, dentro de uma dinâmica de fidelidade criativa. É assim que, na perspectiva do Sínodo Pan-Amazônica, que frei Vanildo Luiz Zugno, capuchinho, brinda-nos com a continuação do artigo “os votos religiosos na perspectiva do Sínodo para a Pan-Amazônia”.

A psicologia é uma ciência que trouxe uma grande contribuição para a VRC. Com ela, crescemos na compreensão da vida fraterna, de nossas habilidades a saber lidar com as fragilidades humanas e vivência dos conselhos evangélicos, fraternidade e missão. Com esse intuito, a psicóloga Priscila Garcia Silva, contribui conosco com o artigo “crise na VRC e as contribuições do método DIP/TIP”. O método ajuda a tirar de dentro de nós os recursos que temos para administrar nossos conflitos na busca de superar os momentos de prova.

A presença de Maria na vida dos fundadores (as) é reveladora de uma intimidade filial, de entrega e inspiração vocacional. Em São Francisco de Assis, a exclamação “Ave, Senhora, Rainha Santa” é fruto de sua profunda mariologia. Com o artigo Ave, Senhora, Rainha Santa: aspectos da devoção mariana na tradição franciscana”, o frei capuchinho Hércules de Vasconcelos Moreno, leva-nos ao coração do carisma de Francisco.

A esses seis artigos, verdadeiras talhas do Bom Vinho, somam-se à mensagem do Papa, os informes e as resenhas que enriquecem a Convergência. Desejo a todos e todas uma boa leitura e contribuição para a formação continuada.

*“Fazei tudo o que  
ele vos disser”*  
(Jo 2,5)



## DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

*"Fazei tudo o que  
ele vos disser"*  
(Jo 2,5)



Triênio  
2019 a 2022



CRB NACIONAL

## Consagradas e consagrados em missão

### Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

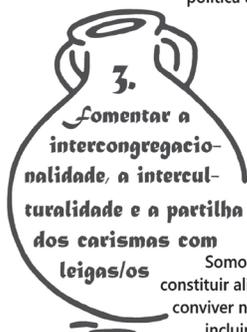
### Prioridades



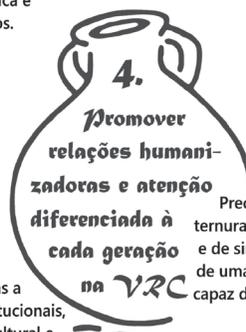
Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



# SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

LIV DIA MUNDIAL DA PAZ HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basilica de São Pedro - Sexta-feira, 1º de janeiro de 2021

*[Homilia preparada pelo Pontífice  
e lida pelo cardeal secretário de  
Estado, Pietro Parolin]*

**N**as leituras litúrgicas de hoje, destacam-se três verbos que se realizam na Mãe de Deus: abençoar, nascer e encontrar.

**Abençoar.** No livro dos Números, o Senhor pede aos ministros sagrados que abençoem o seu povo. «Abençoareis os filhos de Israel. Dizei-lhes: “O Senhor te abençoe”» (6, 23-24). Não se trata duma pia exortação, mas duma exigência concreta. Também hoje é importante que os sacerdotes abençoem incansavelmente o Povo de Deus, e que todos os fiéis sejam também portadores de bênção e abençoem. O Senhor sabe que precisamos de

ser abençoados: a primeira coisa que Ele fez depois da criação foi bendizer – dizer bem –, declarar boa cada coisa e declarar-nos, a nós humanos, muito bons. Mas agora, com o Filho de Deus, não recebemos apenas palavras de bênção, mas a bênção em pessoa: Jesus é a bênção do Pai. N’Ele – diz São Paulo –, o Pai abençoa-nos «com toda a espécie de bênçãos» (Ef 1, 3). Sempre que abrimos o coração a Jesus, entra na nossa vida a bênção de Deus.

Hoje celebramos o Filho de Deus, o Bendito por natureza, que vem a nós através de sua Mãe, a bendita por graça. Maria traz-nos, assim, a bênção de Deus. Onde estiver Ela, chega Jesus. Por isso, precisamos de A acolher, como Santa Isabel que, imediatamente depois de a fazer entrar em casa,

A reconhece como uma bênção, dizendo: «Bendita és Tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc 1, 42). São as palavras que repetimos na Ave Maria. Ao dar espaço a Maria, não só ficamos abençoados, mas aprendemos também a abençoar. Com efeito, Nossa Senhora ensina que a bênção se recebe para a dar. Ela, a bendita, foi uma bênção para todas as pessoas que encontrou: para Isabel, para os esposos em Caná, para os Apóstolos no Cenáculo... Também nós somos chamados a abençoar, a bendizer em nome de Deus. O mundo está gravemente poluído pelo dizer mal e pensar mal dos outros, da sociedade, de nós mesmos. De facto, a maledicência corrompe, faz degenerar tudo, enquanto a bênção regenera, dá força para recomeçar cada dia. Peçamos à Mãe de Deus a graça de sermos jubilosos portadores da bênção de Deus para os outros, como Ela o é para nós.

Nascer é o segundo verbo. São Paulo destaca o facto de o Filho de Deus ter «nascido de uma mulher» (Gl 4, 4). Em poucas palavras, diz-nos uma coisa maravilhosa: o Senhor nasceu como nós. Não apareceu adulto, mas criança; não veio ao mundo por Si só, mas de uma mulher, depois de nove meses no ventre materno onde Se deixou tecer a humanidade. O coração do Senhor começou a palpitar em Maria,

d'Ela recebeu oxigénio o Deus da vida. Desde então, Maria une-nos a Deus, porque, n'Ela, Deus ligou-Se à nossa carne e nunca mais a deixou. São Francisco gostava de dizer que Maria «tornou nosso irmão o Majestoso Senhor» (São Boaventura, *Legenda major*, 9, 3). Ela não é apenas a ponte entre nós e Deus; é mais: é o caminho que Deus percorreu para chegar até nós e é o caminho que nós devemos percorrer para chegar até Ele. Através de Maria, encontramos Deus como Ele quer: na ternura, na intimidade, na carne. Sim, porque Jesus não é uma ideia abstrata; é concreto, encarnado, nasceu de uma mulher e cresceu pacientemente. As mulheres conhecem este concretismo paciente: nós, homens, muitas vezes somos abstratos e queremos uma coisa imediatamente, ao passo que as mulheres são concretas e sabem tecer, com paciência, os fios da vida. Quantas mulheres, quantas mães fazem assim nascer e renascer a vida, dando futuro ao mundo!

Não estamos no mundo para morrer, mas para gerar vida. E a santa Mãe de Deus ensina-nos que o primeiro passo para dar vida àquilo que nos rodeia é amá-lo dentro de nós. Diz o Evangelho de hoje que Ela «conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). E é do coração que nasce o bem: como é importante manter limpo o

coração, guardar a vida interior, fazer oração! Como é importante educar o coração para o cuidado, para cuidar das pessoas e das coisas. Tudo começa daqui, de cuidarmos dos outros, do mundo, da criação. Pouco aproveita conhecer muitas pessoas e muitas coisas, se não cuidarmos delas. Neste ano, enquanto aguardamos um renascimento e novos tratamentos, não negligenciemos o cuidado. Com efeito, além da vacina para o corpo, é necessária a vacina para o coração: e esta vacina é o cuidado. Será um bom ano se cuidarmos dos outros, como Nossa Senhora faz conosco.

E o terceiro verbo é encontrar. O Evangelho diz que os pastores «encontraram Maria, José e o menino» (Lc 2. 16). Não encontraram sinais prodigiosos e espetaculares, mas uma simples família. Lá, porém, encontraram verdadeiramente Deus, que é imensidão na pequenez, fortaleza na ternura. Mas, como conseguiram os pastores encontrar este sinal tão pouco cintilante? Foram chamados por um anjo. Também nós, não teríamos encontrado Deus, se não fôssemos chamados pela graça. Não podíamos imaginar um Deus assim, que nasce de mulher e revoluciona a história com a ternura; mas, pela graça, encontramos-Lo. E descobrimos que o seu perdão faz renascer, que a sua consolação acende a esperança, e a sua

presença dá-nos uma alegria irreprimível. Encontramo-Lo, mas não devemos perdê-Lo de vista. Na verdade, não se encontra de uma vez por todas o Senhor, mas devemos ir ter com Ele todos os dias. Por isso o Evangelho descreve sempre os pastores à procura, em movimento: foram apressadamente, encontraram, referiram, voltaram glorificando e louvando a Deus (cf. Lc 2, 16-17.20). Não ficaram passivos, pois, para acolher a graça, é preciso permanecer ativo.

E nós... O que somos chamados a encontrar no início do ano? Seria bom encontrar tempo para alguém. O tempo é a riqueza que todos temos, mas somos ciumentos a seu respeito porque queremos usá-la só para nós. Devemos pedir a graça de encontrar tempo para Deus e para o próximo: para quem está só, para quem sofre, para quem precisa de escuta e atenção. Se encontrarmos tempo para doar, acabaremos maravilhados e felizes, como os pastores. Nossa Senhora, que trouxe Deus ao tempo, nos ajude a dar o nosso tempo. Santa Mãe de Deus, nós Vos consagramos o novo ano. Vós que sabeis guardar no coração, cuidai de nós. Abençoai o nosso tempo e ensinai-nos a encontrar tempo para Deus e para os outros. Com alegria e confiança, nós Vos aclamamos: Santa Mãe de Deus! Assim seja!



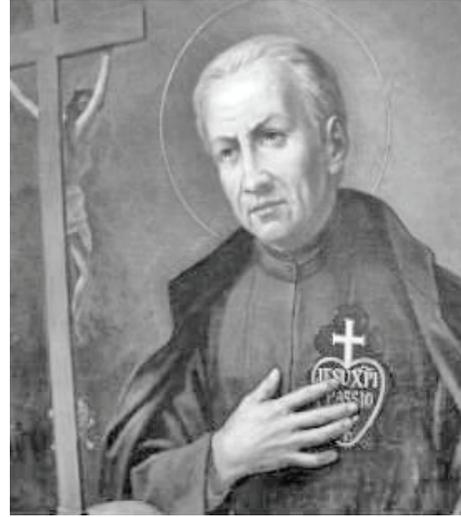
### SÃO PAULO DA CRUZ

Roma, São João de Latrão,  
15 de outubro de 2020

*Ao Reverendo Padre Joachim  
REGO C.P.*

*Superior Geral da Congregação da  
Paixão de Jesus Cristo (Passionistas)*

As celebrações jubilares do terceiro centenário da vossa Congregação oferecem-me a oportunidade de me unir espiritualmente à vossa alegria pelo dom da vocação que recebestes de viver e proclamar a memória da Paixão de Cristo, fazendo do mistério pascal o centro da vossa vida (cf. Constituições, 64). O vosso carisma, tal como todo o carisma da vida consagrada, é irradiação do amor salvífico que brota do mistério trinitário, revela-se no amor do Crucificado (cf. Exort. Ap. Vita consecrata, 17-19.23), derrama-se sobre a pessoa escolhida pela providência e se estende a uma comunidade concreta, para se implantar na Igreja como resposta às necessidades



particulares da história. Para que o carisma perdure no tempo, é preciso que se adapte às novas necessidades, mantendo vivo o poder criativo dos primeiros tempos.

Este importante centenário representa uma oportunidade providencial para que possais caminhar rumo a novos objetivos apostólicos, sem ceder à tentação de «deixar as coisas como estão» (Exort. Ap. Evangelii gaudium, 25). O contacto com a Palavra de Deus na oração e a leitura dos sinais dos tempos nos acontecimentos quotidianos, vos tornarão

capazes de perceber o sopro criativo do Espírito, que alenta no tempo, apontando respostas às expectativas da humanidade: hoje já ninguém deixará de se aperceber que vivemos num mundo onde já nada é como antes.

A humanidade encontra-se numa espiral de mudanças, que interpela não só o valor das correntes culturais que até agora a enriqueceram, mas também a constituição íntima do seu ser. A natureza e o cosmos, submetidos ao sofrimento e à caducidade das manipulações humanas (cf. Rm 8, 20), assumem preocupantes rasgos degenerativos. Também a vós vos é pedido que encontreis novos estilos de vida e nova linguagem para anunciar o amor do Crucificado, testemunhando deste modo o coração da vossa identidade.

A este respeito, tenho conhecimento de que as vossas recentes reflexões capitulares vos levaram ao compromisso de renovação da missão, centrando-vos em três aspetos: gratidão, profecia e esperança. A gratidão é a experiência de viver o passado na mesma atitude do Magnificat e caminhar rumo ao futuro numa atitude eucarística. A vossa gratidão é fruto da memória passionis. Aquele que vive imerso na contemplação e se dedica ao anúncio do amor que se entrega por nós na cruz, prolonga-se

na história, sente-se realizado e a sua vida é feliz. A profecia é pensar e falar no Espírito. Isto é possível para aquele que vive a oração como alimento da alma, podendo acolher a moção do Espírito no íntimo dos corações e na totalidade da criação. Então, a palavra anunciada sempre se adapta às necessidades do presente. Que a memória passionis vos converta em profetas do amor do Crucificado num mundo que está a perder o sentido do amor. A esperança é ver na semente que morre a espiga que produz ora trinta, ora sessenta ora cem por um. Trata-se de perceber que nas vossas comunidades religiosas e paroquiais, cada vez mais reduzidas, continua a ação geradora do Espírito, que garante a misericórdia do Pai, que nunca nos abandona.

A esperança é alegrar-se do que há, em vez de se queixar do que falta. Em qualquer caso, não vos deixeis «roubar a alegria evangelizadora (Exort. Ap. Evangelii gaudium, 83).

Espero que os membros do vosso Instituto se sintam «marcados a fogo» (ibid., 273) pela missão enraizada na memória passionis. O vosso Fundador, São Paulo da Cruz, define a Paixão de Jesus como «a maior e mais maravilhosa obra do amor de Deus (Lettere II, 499). Sentia que esse amor o abrasava e que teria

desejado incendiar o mundo com a sua própria ação missionária e dos seus companheiros. É muito importante recordar que «a missão é uma paixão por Jesus, mas ao mesmo tempo, uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor, que nos dignifica e sustenta, mas nesse mesmo momento, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se dilata e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo. A nossa identidade não se compreende sem esta pertença» (Exort. Ap. Evangelii gaudium, 268).

Enquanto como Cabeça, o nosso Salvador ressuscitou e já não morre mais, no seu corpo – que misticamente é a Igreja, mas que misteriosamente é também todo o ser humano a quem, de certo modo, se uniu na Encarnação (cf. Const. Ap. Gaudium et spes, 22) – continua a sofrer e a morrer. Não vos canseis de reforçar o vosso compromisso em favor das necessidades da humanidade. Esta urgência missionária dirige-se principalmente aos crucificados do nosso tempo: os pobres, os débeis, os oprimidos e os descartados pelas inúmeras formas de injustiça. O cumprimento desta tarefa requererá da vossa parte um esforço sincero de renovação interior,

que deriva da relação pessoal com o Crucificado-Ressuscitado. Somente aquele que está crucificado por amor, como Jesus na cruz, é capaz de socorrer os crucificados da história com palavras e obras eficazes. Não é possível convencer os outros do amor de Deus somente através de um anúncio de palavra e informativo. Fazem falta gestos concretos que façam experimentar esse amor no nosso próprio amor, que se dá compartilhando situações de crucifixão, gastando a vida até ao fim, deixando sempre claro que entre o anúncio e o seu acolhimento na fé, está a mediação do Espírito Santo.

A Mãe do Crucificado-Ressuscitado, figura da Igreja, Virgem que escuta, ora, oferece e gera vida, é memória permanente de Jesus, especialmente da sua Paixão. A ela vos encomendo e, invocando a intercessão do vosso Fundador, São Paulo da Cruz e dos Santos e Beatos passionistas, de coração concedo a Bênção apostólica a toda a família passionista e a todos os que participem nas diversas celebrações do vosso solene jubileu.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Fraternalmente.

*Francisco*



**SECRETARIA DE ESTADO DO VATICANO**  
**19 de fevereiro de 2021**

O Sumo Pontífice FRANCISCO

Nomeou a Rev. da Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad e Ir. Márian Ambrosio, idp entre os consultores da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, por cinco anos.

Que a Rev. Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro e Ir. Márian Ambrosio sejam oportunamente notificadas a respeito a fim de que possa regular-se de acordo.

*Card. Pedro Parolín*  
Secretário de Estado

## QUE PARÁBOLAS PARA ESTE TEMPO?

Meditação apresentada à CNBB – 25.11.2020

CARDEAL JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA

Um tipo de comunicação de Jesus que faz pensar é aquele patente em frases como esta que servem de fórmulas introdutivas ao seu discurso: «A que é semelhante o Reino de Deus? A que o hei de comparar?» (Lc 13,18). Talvez ainda não valorizamos devidamente essas frases que parecem apenas simples estruturas de passagem e, na verdade, são bem mais. É importante que nos perguntemos o que pretende Jesus com esse recurso de linguagem e o que é que este nos ensina sobre o seu método de interpretação da realidade. Nesse sentido, eu diria que há três coisas que se tornam manifestas.

A **primeira** delas é que nem sempre é fácil interpretar a realidade. Em tantas situações esta como que resiste ao nosso modo

habitual de a descrever e o mete em crise. Na verdade, a pergunta «A que é semelhante o Reino de Deus?» introduz uma espécie de pausa reflexiva, um distanciamento em relação aos saberes feitos; instaura um tempo mais lento dedicado à escuta.

A **segunda** coisa que aprendemos com estas interrogações de Jesus é que para explicar a vida de Deus e dos homens em profundidade precisamos de parábolas e comparações. E precisamos de parábolas ou de comparações que sejam novas, que relancem as tarefas do olhar. As perguntas de Jesus, de facto, abrem espaço a um discurso não teórico, mas narrativo, existencial e simbólico. Porque a narrativa e a atenção ao símbolo fazem-nos sintonizar diretamente com

o real da vida e é aí que Jesus coloca a revelação do Reino de Deus. Sabemos, no entanto, como não é fácil entrar em comunicação com esse núcleo vital e, pelo contrário, como é tentador sobrevoarmos teoricamente a realidade ou permanecermos indiferentes a ela, mesmo aquela que nos está mais próxima.

A terceira coisa a aprender é o facto do discurso de Jesus ter como finalidade ganhar os corações para o Reino de Deus em vez de se ficar pelos meros exercícios da retórica. A retórica faz uma camuflagem da realidade através das palavras, adiando o desejo de verdade e autenticidade. Tão diferente da persuasão evangélica que procura gerar no sujeito crente a plena autoconsciência do presente modelado por Deus, indicando que o Kairós se desenvolve precisamente dentro do krónos, apresentando como desafio para uma hermenêutica profética aquilo que parece apenas a incerta convulsão da história, desafiando-nos a acolher o aqui e o agora, na sua indefinição e dureza, como um misterioso radar para sondar o futuro.

## É bom que nos coloquemos perguntas

«A que é semelhante o Reino de Deus? A que o hei de comparar?»

(Lc 13,18). Mergulhados nesta situação histórica distópica aberta pela pandemia, que nos encontrou a todos impreparados e destapou uma vulnerabilidade bem maior do que aquela que supunhamos ser a nossa, também nós nos fazemos perguntas: «A que é que este tempo é semelhante? A que o havemos de comparar?» Apercebemo-nos, e de uma forma dramática, que os nossos discursos, as nossas práticas estabelecidas, os nossos espaços, a nossa organização foram, de um momento para outro, também colocados em crise ou declarados inadequados. E transcorridos estes meses, dentro de nós sabemos como era o passado, mas não sabemos ainda exatamente como será o futuro.

Contudo, Jesus também aqui é o nosso Mestre, pois Ele nos incita a uma auscultação mais profunda da realidade e a nos colocarmos corajosamente perguntas, em vez de nos precipitarmos em procurar no nosso alforge o que julgamos serem já respostas. De facto, um elemento de novidade destes tempos difíceis que vivemos é o património de perguntas que muitos se estão fazendo, e perguntas que não se debruçam apenas sobre o imediato e a sua obsidiante vertigem, mas que se prendem com o sentido da vida, com a avaliação crítica daquilo que a sociedade moderna coloca como prioritário, com a forma como cada

um tem habitado o real. É bom que nos coloquemos perguntas. E também a nível eclesial. Não desperdicemos a oportunidade que representa fazermos perguntas. Isso o escritor João Guimarães Rosa sublinhava: «Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é a fazer outras maiores perguntas». A Igreja tem essa responsabilidade: a de promover as «maiores perguntas».

## ***A praça vazia e a barca onde estamos todos***

Que parábolas e comparações podem hoje aproximar o Reino de Deus da nossa linguagem e da nossa experiência vital? Que parábolas e comparações nos estão a abrir à compreensão desde momento do mundo que, como insiste o Papa Francisco, não se caracteriza apenas por uma enxurrada de mudanças, mas protagoniza efetivamente uma mudança de época? Recordo as suas palavras em Florença, em Novembro de 2015, dirigidas aos participantes do V Congresso da Igreja Italiana: «Pode-se dizer que hoje não vivemos uma época de mudança mas uma mudança de época. Portanto, as situações que vivemos hoje apresentam desafios novos que para nós às vezes são até difíceis de compreender. Este nosso tempo exige que vivamos os problemas como desafios e não como obstáculos».

Foi o próprio Papa Francisco que nos ofereceu, num dos momentos mais terríveis do curso desta pandemia, duas imagens simbólicas que nos ajudam a concretizar aquilo que o Concílio Vaticano II, na «*Gaudium et Spes*» chamava o «dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho» (G.S. 4). Naquela oração extraordinária no Sagrado diante da Basílica de São Pedro (27 de Março de 2020), o Santo Padre ofereceu-nos duas imagens que à primeira vista parecem contrapostas, pois de um lado temos o vazio e do outro lado o cheio; de um lado temos a Praça sem ninguém e do outro temos a Barca onde estão todos. A imagem da Praça de São Pedro representava simbolicamente a inaudita situação dramática das nossas ruas repentinamente silenciosas, dos espaços públicos despovoados, das nossas Igrejas vazias devido à emergência sanitária e à necessidade de confinamento. O vazio é a parábola que os nossos olhos vêem. Mas Francisco escolheu para interpretar essa imagem uma imagem evangélica de sentido inverso. De facto, no texto de Marcos 4, 35-41 o Papa sublinhou que, «surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda»,

«demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo

tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento». O vazio, revisto pela comparação que nos é dada pela Palavra de Deus, não é só vazio, mas possibilidade de ganhar uma nova consciência de tudo o que nos liga como comunidade humana. Um dos frutos desta pandemia, podemos dizê-lo, é já a Encíclica «Fratelli Tutti» sobre a fraternidade e a amizade social, que vem explicar que «uma tragédia global como a pandemia do Covid-19» nos recorda «que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos» (F.T.32) e que há uma coisa ainda pior que a pandemia: é o vírus do «salve-se quem puder» rapidamente traduzido no lema «todos contra todos» (F.T.36). Na verdade, como escreveu Albert Camus no seu romance «A Peste», o bacilo da peste pode chegar e ir embora sem que o coração do Homem se modifique. A tarefa urgente que hoje se coloca à Igreja é trabalhar o coração humano, persuadi-lo da verdade do Evangelho, acreditando que dentro deste Krónos, com a força generativa do Espírito Santo, pode emergir o Kairós.

## *A sala dos abraços e o portal*

«A que é semelhante o Reino de Deus? A que o hei de comparar?»

(Lc 13,18). Se olharmos em nosso redor, mesmo num tempo que parece blindado na sua incerteza, há tantas parábolas que nos estão a ser contadas. Vou referir brevemente três: duas retiradas do jornal e uma da Palavra de Deus. Mas cada um de vós poderá contar tantas. A primeira aconteceu numa Casa de Repouso para idosos, em Itália. Sabemos como a pandemia tem forçado a tantos «lutos relacionais»: desde os distanciamentos interpessoais à suspensão das saudações que trocávamos uns com os outros (o aperto de mão, o abraço entre amigos, o beijo entre os parentes), impedindo o exercício comum da nossa humanidade e fazendo crescer o isolamento e a solidão. Entre a população mais idosa um risco real é o sentimento de abandono e a depressão, pois faltam as visitas, a proximidade e os carinhos. Ora, esta instituição criou a sala dos abraços. Em conformidade com todos os regulamentos de saúde, os utentes da casa de repouso poderão abraçar seus filhos, netos e parentes protegidos por uma cortina especial de plástico que lhes permite dialogar sem dificuldade e ter também um contato visual e físico que faz com que se sintam amparados e fortalecidos emocionalmente. Esta parábola da sala dos

abraços faz-nos interrogar que necessidade é esta? Que parábola nos está a contada por todos os abraços não dados e pelo desejo de voltar às expressões habituais dos nossos afectos? Um abraço é uma escola de humanidade. O abraço é uma longa conversa que acontece sem palavras. Tem uma incrível força expressiva. Comunica a disponibilidade para entrar em relação com os outros, superando o dualismo, fazendo cair armaduras e desculpas. Os abraços são a arquitetura íntima da vida, o seu desenho invisível; são plenitude consentida ao afeto que reconcilia e revitaliza. Num abraço, tudo o que tem de ser dito soe-se no silêncio, e ocorre isto que é tão precioso e afinal tão raro: sem defesas, um coração coloca-se à escuta de outro coração. É bom ver como a pandemia nos acorda para reconhecermos o valor de dimensões da vida e da humanidade e, nesse sentido, nos reconduz ao essencial.

Ainda uma parábola retirada do jornal é aquela que surge num texto da escritora de origem indiana Arundhati Roy: a imagem do portal. Escreve ela: «Historicamente as pandemias obrigaram os seres humanos a romper com o passado e a imaginar de novo o seu mundo. Esta não é diferente. É um portal,

uma porta entre um mundo e o seguinte. Podemos optar por cruzá-lo arrastando atrás de nós as carcaças do nosso prejuízo e ódio, da nossa avareza, dos nossos bancos de dados e ideias mortas, dos nossos rios mortos e dos céus cheios de fumos. Ou podemos atravessá-lo caminhando ligeiros, com pouca bagagem, prontos para imaginar outro mundo».

## O mensageiro e o campo novo

Quando penso naquilo que hoje a Palavra de Deus nos está dizendo, frequentemente me vem ao pensamento o capítulo 32 do Livro do Profeta Jeremias. A sua situação não podia ser mais complexa, se não mesmo desesperada. Jeremias está preso no palácio real de Judá, acusado de haver profetizado contra o rei Zedequias, anunciando-lhe a derrota contra Nabucodonosor, a destruição de Jerusalém e o exílio do povo em Babilónia. Ora, precisamente neste contexto histórico extremo chega a Jeremias um mensageiro com uma surpreendente proposta em contraciclo. Visita-o o seu primo Hanameel que lhe diz: «Compra a propriedade que tenho em Anatote, no território de Benjamim, porque é teu o direito de posse e de resgate» (v.8). E por ser uma iniciativa tão

nova e desbloqueadora, Jeremias compreendeu que essa palavra provinha do Senhor. Na sua oração, o profeta não deixa, porém, de manifestar o seu espanto: «As rampas de cerco são erguidas pelos inimigos para tomarem a cidade, e pela guerra, pela fome e pela peste, ela será entregue nas mãos dos babilônios que a atacam... Ainda assim, ó Soberano Senhor, tu me mandaste comprar a propriedade e convocar testemunhas do negócio, embora a cidade esteja entregue nas mãos dos babilônios!» (vv.24-25). E o Senhor lhe responde com uma promessa: «Eu os reunirei de todas as terras para onde os dispersei... Eu os trarei de volta a este lugar e permitirei que vivam em segurança... Farei com eles uma aliança permanente» (v.37.40).

Que tempo é este que estamos a viver? A que o havemos de comparar? Podemos, efetivamente, olhar apenas para o assédio devastador desta crise que começa por ser sanitária, mas que depressa contaminou tantos outros âmbitos, tornando-se uma crise poliédrica: económica, social, política, eclesial, civilizacional. Ou podemos perceber, numa leitura crente e esperançada da história como o faz Deus incansavelmente, que esta hora, com todos os seus constrangimentos é afinal um *kairós*, uma oportunidade para relançar a nossa aliança com

a vida. Este não é o momento para fazer cair os braços em desânimo, mas é um tempo para apostas de confiança. Não é só um compasso de espera que nos deixa como que suspensos numa dolorosa indefinição: é também um desafio à interlocução com o futuro e a dar passos concretos na sua direção. Não é só um tempo para fechar a semente no celeiro enquanto se aguardam as condições que consideramos propícias: este é um tempo bom para os semeadores saírem para o campo, para os pescadores se aventurarem no lago. Não é só uma estação para gerir aflições crescentes: é também a ocasião em que Deus nos ordena que arrisquemos como Igreja e que compremos um campo novo.

«A que é semelhante o Reino de Deus? A que o hei de comparar?» (Lc 13,18), perguntava-se Jesus. Hoje cabe-nos a nós fazer esta pergunta. Mas para isso precisamos realizar uma auscultação espiritual e autêntica da vida; precisamos de não nos fecharmos num discurso abstrato ou num sistema fechado, mas de nos abirmos à leituras das histórias e dos exemplos que estão hoje diante dos nossos olhos; e precisamos, por fim, de uma hermenêutica profética da história que revele que Jesus Cristo é o seu centro.

## IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA APARECIDA ABREM NOVA MISSÃO À SERVIÇO DA PRELAZIA APOSTÓLICA DE BORBA/AM

IR. GABRIELA ROZ, CIFA

IR. IRIETE LOREZZETTI, CIFA

No último Capítulo Geral da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida (CIFA), um das decisões tomadas foi dar mais um passo no atendimento da Igreja Amazônica.

Ouvindo o clamor onde a vida está ameaçada, atendendo os apelos da Igreja e da CRB, de acordo com nosso carisma, optamos por aprender com o outro cuidando da vida e da casa comum.

No dia 20 de novembro de 2020, quando era celebrado 45 anos da passagem desta vida para a vida eterna de Madre Clara Maria (fundadora da CIFA), as Irmãs Elsa Menegat, Silvana Pauletti e Girlane Menezes chegaram à Paróquia Nossa Senhora do

Rosário, no Distrito de Canumã, Prelazia de Borba/AM, que se localiza numa beleza espetacular do encontro das águas do Rio Madeira e Foz Canumã. A fraternidade ali presente constitui a casa de missão com abertura para outras consagradas e consagrados que desejam prestar seu serviço à Igreja Local. Por quatro anos as Irmãs administram a Paróquia, constituída por 24 comunidades. A pastoral abrange os povos indígenas de várias etnias, os ribeirinhos, garimpeiros e o latifúndio. Todo o transporte é fluvial. As Irmãs atendem as áreas da saúde, pastoral e administração. Em âmbito de prelazia, atendem as pastorais sociais e a pastoral da saúde.



Foto: Arquivo CRB Nacional

Ao chegar no local, as Irmãs foram bem acolhidas pelas lideranças e pelos paroquianos. Dom Zenildo Luiz Pereira da Silva, bispo da Prelazia Apostólica de Borba, ressaltou sua alegria em deixar aos cuidados das consagradas Jesus Eucarístico e a população de Canumã e região. Confirmou, ao ler a Provisão de Administradora Paroquial que cabe às consagradas, o auxílio nas instâncias decisórias da Igreja. Não é a escassez de sacerdotes que clama pela cooperação feminina na Igreja, mas sim a compreensão da Igreja sobre o espaço delegado aos seus, sejam leigos e leigas ou consagrada e consagrados.

Na missa de acolhida, Dom Zenildo disse que Canumã é espaço sagrado onde a

Congregação pode imprimir o Carisma Franciscano Aparecida, levando a mensagem de paz e bem, também às Comunidades ribeirinhas e indígenas. Deseja que sejamos esperança, luz e baliza para a Prelazia de Borba. Meu Deus que desafio! Que compromisso e responsabilidade!

Foi destacado pelas Irmãs que a Igreja estava repleta de crianças, jovens, adultos e idosos que se encontravam ali para celebrar este momento significativo da Paróquia, onde pela primeira vez recebe uma comunidade de Religiosas. Foi lindo sentir que a Igreja de Canumã é uma Igreja Viva e Missionária, com projetos, sonhos que os movem para continuar sendo presença viva de Deus na vida de todos os Irmãos e Irmãs.

A Igreja de Borba se destaca pela formação aos diáconos e a presença de lideranças femininas na animação pastoral. É uma Igreja viva que anima quem se dispõe a servir e aprender. Uma Igreja pobre com os pobres. Faltam alguns materiais, mas não falta a disposição de seguir o único mestre.

Crescem as igrejas evangélicas pentecostais por falta de quem dê continuidade à formação e dinamismo da fé católica. É urgente a presença profética diante das políticas públicas, da falta de saneamento e de energia que traz sérios prejuízos a todos, é necessário um atendimento adequado à saúde, meios atualizados

para a educação. Percebe-se também, pouco espaço para a exportação dos produtos locais, a existência de uma política de pesca e agrícola que favoreça a região. Para a formação das lideranças e pessoas interessadas a um aprofundamento bíblico-teológico, evidencia-se, porém, a falta do acompanhamento e incentivo para que mais pessoas participem nas formações e ação evangelizadora. A área de lazer é limitada, pois, o local é cercada de ilhas e distantes para contatos. Não bastasse toda essa realidade, ainda há proliferação da droga e da exploração sexual.

É o momento para que todas e todos voltem seus olhares a

Foto: Arquivo CRB Nacional



estas realidades da região. Para quem vai neste espaço de missão é preciso Amazonizar-se, pôr-se à escuta, aprender com, partilhar o necessário e acreditar no saber local e capacidade para a evangelização. É suficiente oferecer meios para colher os frutos de

uma Igreja laical, comprometida e dinâmica.

Queremos ser presença de uma Igreja sempre renovada, nos espaços onde Deus conduzir, junto aos “sem vez e sem voz da sociedade”.



Foto: Arquivo CRB Nacional

## MENSAGEM DA PRESIDENTE DA CRB NACIONAL PARA O DIA MUNDIAL DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IR. MARIA INÊS V. RIBEIRO, MAD  
PRESIDENTE DA CRB NACIONAL

### TESTEMUNHAS DE UMA CERTEZA:

*“Eu sei em quem acreditei” (2Tm 1,12)*

Queridas irmãs e irmãos em Cristo

Nossa existência como pessoas consagradas é “cristiforme”, como bem disse São João Paulo II, uma forma de vida configurada a Cristo pelo Batismo (VC, 14), o missionário do Pai. Nossa adesão a Ele requer o abandono de tudo (Mt 19,27), identificando-nos com seus sentimentos, sabendo estender as mãos para servir a todos e todas, sobretudo aos mais vulneráveis.

A nossa confiança em 2021 é que possamos construir novas relações, superando a pandemia com as vacinas que chegam, fruto de homens e mulheres de ciência que dedicam tempo e energias na busca da cura. Nós nos unimos a esses esforços, com a paixão pela vida e ao Deus auxiliador que cuida, alimenta, protege e guia o seu povo eternamente peregrino.

Nós, Vida Religiosa Consagrada, rejeitamos todas

as mãos estendidas que roubam a esperança, que negam a realidade, que polarizam as relações, que não se compadecem com a dor e as mortes de tantos brasileiros e brasileiras pelo coronavírus. É um tempo de prova que exige de todos e todas, como pede o Papa Francisco, a fraternidade, o cuidado e a solidariedade humanitária.

A nossa confiança está no Senhor criador do céu e da terra. Nele nos movemos, vivemos e somos (At 17,28), nEle cremos e por Ele reafirmamos nosso compromisso de testemunhar a beleza do Evangelho e a libertação de todo pecado.

Como Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil, queremos no dia 02 de fevereiro, na 25ª Jornada Mundial da VRC, renovar nosso empenho missionário, sinodal e carismático com a Ação Evangelizadora do Brasil sendo luz que brilha na escuridão que ainda impede, de ver e ouvir a voz do Senhor. Somos a voz que grita neste deserto da indiferença e não podemos desanimar. Que nada roube a nossa identidade carismática, fraterna e apostólica.

Juntos e juntas, fortalecidos na confiança em Deus e na proteção de Maria, Mãe da Igreja, Senhora de Aparecida, façamos, neste dia 2 de fevereiro, a renovação da nossa consagração, à

luz do Evangelho e de nossas Constituições, recitando esta bela oração de São João Paulo II.

*Ó Maria, figura da Igreja,  
Esposa sem ruga nem mancha,  
que imitando-vos  
«conserva virginalmente (...)  
uma fé íntegra, uma sólida esperança  
e uma verdadeira caridade», amparai  
as pessoas consagradas na busca da  
eterna e única Bem-aventurança.  
Confiamos-las a vós,  
Virgem da Visitação,  
para que saibam correr ao  
encontro das necessidades humanas,  
para levarem ajuda,  
mas sobretudo para levarem Jesus.  
Ensinai-lhes a proclamar  
as maravilhas que o Senhor realiza  
no mundo, para que todos os povos  
glorifiquem o seu nome.  
Sustentai-as na sua ação  
em favor dos pobres,  
dos famintos, dos desesperados,  
dos últimos e de todos aqueles  
que procuram o vosso Filho  
com coração sincero.*

*A vós, Mãe,  
que quereis a renovação es-  
piritual e apostólica  
dos vossos filhos e filhas  
na resposta de amor e de-  
dicação total a Cristo,  
dirigimos confiantes a nossa oração.  
Vós, que fizestes a vontade do Pai,  
pronta na obediência, co-  
rajosa na pobreza,  
acolhedora na virgindade fecunda,  
alcançai do vosso divino Filho que,  
quantos receberam o dom de o  
seguir na vida consagrada,  
saibam testemunhá-lo com uma  
existência transfigurada,  
caminhando jubilosamente, com*

*todos os outros irmãos e irmãs,  
para a pátria celeste e para a  
luz que não conhece o caso.*

*Nós vo-lo pedimos, para que,  
em todos e em tudo, seja  
glorificado, bendito e amado  
o Supremo Senhor de todas as coisas  
que é Pai, Filho e Espírito  
Santo. (VC, 112).*

*Mais do que nunca  
precisamos de oração.*

Parabéns Vida Consagrada do  
Brasil e do Mundo.

Fiquem com Deus e com a Mãe  
Aparecida

Um grande e afetuoso abraço a  
todos e todas.

Brasília, 25 de janeiro de 2021.

Celebração da Conversão de  
São Paulo



CONGREGATIO  
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE  
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

29

CONVERGÊNCIA • ANO LVI • N.º 533 • MAIO • JUNHO • JULHO DE 2021

Do Vaticano, 18 de Janeiro de 2021

Prot. n. Sp.R. 2559/21

*A todos os consagrados e consagradas*

Chegamos até vocês na véspera de um dia querido por todos nós, consagradas e consagrados, porque dedicado à nossa maravilhosa vocação de fazer brilhar, das mais diversas formas, o amor de Deus pelo homem, pela mulher e pelo universo inteiro. No próximo dia 2 de fevereiro, celebraremos o 25º Dia mundial da Vida Consagrada. Na Basílica de São Pedro, às 17h30, o Papa Francisco presidirá a uma Celebração Eucarística desprovida dos sinais e dos rostos alegres que a iluminaram nos anos anteriores, mas sempre expressão daquela fecunda gratidão que caracteriza nossas vidas.

Com esta carta, queremos diminuir o distanciamento físico que a pandemia nos impõe já há tantos meses e expressar a cada um e a cada uma de vocês e a todas as comunidades a nossa proximidade e a daqueles que trabalham neste Dicastério. Há meses acompanhamos as notícias que chegam das comunidades das diversas nações: falam de perplexidade, de infecções, de mortes, de dificuldades humanas e econômicas, de institutos que vão diminuindo, de medos... mas falam também de fidelidade provada pelo sofrimento, de coragem, de testemunho sereno mesmo na dor ou na incerteza, de partilha de cada dor e de cada ferida, de cuidado e de proximidade com os mais abandonados, de caridade e de serviço à custa da própria vida (cf. *Fratelli Tutti*, cap. II).

Não podemos pronunciar todos os nomes de vocês, mas sobre cada um e cada uma pedimos a bênção do Senhor para que possam passar do “eu” ao “nós”, sabendo “que estamos todos no mesmo barco, frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo, todos importantes e necessários, todos chamados a remar juntos” (Papa Francisco, *Momento extraordinário de oração*, sexta-feira, 27 de março de 2020). Sejam os samaritanos destes dias, vencendo a tentação de se retirar e chorar sobre nós mesmos, ou de fechar os olhos diante da dor, do sofrimento, da pobreza de tantos homens e mulheres, de tantos povos.

Na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco nos convida a atuar juntos, a reavivar em todos “uma aspiração mundial à fraternidade” (n. 8), a sonhar juntos (n. 9) a fim de que, “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social...” (n. 6).

Consagradas e consagrados em institutos religiosos, monásticos, contemplativos, seculares e nos novos institutos, membros do *ordo virginum*, eremitas, membros de sociedades de vida apostólica, pedimos a todos vocês que coloquem esta Encíclica no centro de suas vidas, formação e missão. A partir de agora não podemos prescindir desta verdade: somos todos irmãos e irmãs, como

de fato rezamos, talvez não com muita consciência, no Pai Nosso, porque “sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade” (n. 272).

Esta Encíclica, escrita num momento histórico definido pelo próprio Papa Francisco como “a hora da verdade”, é um dom precioso para todas as formas de vida consagrada que, sem esconder as muitas feridas da fraternidade, podem encontrar nela as raízes da profecia.

Estamos diante de um novo chamado do Espírito Santo. Assim como São João Paulo II, à luz da doutrina da Igreja-comunhão, havia exortado as pessoas consagradas a “serem verdadeiramente peritas na comunhão e na prática de sua espiritualidade” (*Vita consecrata*, n. 46), agora Papa Francisco, inspirando-se em São Francisco, fundador e inspirador de tantos institutos de vida consagrada, alarga os horizontes e convida-nos a sermos artífices da fraternidade universal, guardiões da casa comum: da terra e de cada criatura (cf. Encíclica *Laudato si'*). Irmãos e irmãs de todos, independentemente da fé, cultura e tradição de cada um, porque o futuro não é “monocromático” (FT n. 100) e o mundo é como um poliedro que deixa transparecer a sua beleza precisamente através dos seus diferentes rostos.

Trata-se, portanto, de abrir processos para acompanhar, transformar e gerar; para desenvolver projetos que promovam a cultura do encontro e do diálogo entre os diferentes povos e gerações; partindo da própria comunidade vocacional para depois chegar a todos os cantos da terra e a todas as criaturas, porque, nunca como neste tempo de pandemia, experimentamos que tudo está interligado, tudo está relacionado, tudo está conectado (cf. Encíclica *Laudato si'*).

“Sonhemos como uma só humanidade, como viajantes feitos da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos acolhe a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a sua voz, mas todos irmãos!” (FT n. 8). Então, no horizonte deste sonho entregue às nossas mãos, à nossa paixão, à nossa perseverança, o próximo dia 2 de fevereiro será, também neste ano, uma bela festa para louvar e agradecer ao Senhor pelo dom da nossa vocação e missão!

Confiamos cada um e cada uma de vocês a Maria, nossa Mãe, Mãe da Igreja, mulher fiel, e a São José, seu esposo, neste ano a ele dedicado. Que em cada uma e cada um de vocês se fortaleça uma fé viva e apaixonada, uma esperança certa e alegre, uma caridade humilde e laboriosa.

Ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, nosso Deus misericordioso, imploramos a bênção sobre cada um e cada uma de vocês.

*+p. José R. Carballo*  
 ✱ José Rodríguez Carballo, O.F.M.  
 Arcebispo Secretário



*João Braz Card. de Aviz*  
 Prefeito

## CONHECENDO MELHOR O TEXTO-BASE DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2021

*Para não se deixar enganar pelas fake news dos falsos profetas*

Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma, 15.02.2021

P. ADELSON ARAÚJO DOS SANTOS SJ

Uma das primeiras coisas que aprendemos durante as aulas de Lógica, quando estudamos Filosofia, é a identificar quando alguém está a dizer uma verdade, ou quando o seu discurso é baseado somente em falácias, palavra de origem latina (do verbo fallere), cujo significado é enganar os outros com argumentos falsos.

Pois bem, existem diversos tipos de falácias, mas uma das mais usadas é aquela conhecida como Argumentum ad personam - ataque pessoal -, ou seja, quando alguém procura negar a veracidade de um discurso atacando, não o seu conteúdo, mas a pessoa que escreveu ou

proferiu tal discurso. É o que temos visto acontecer nos últimos dias, em relação a um excelente documento apresentado pelos bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o texto-base da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, que está sendo violentamente atacado na internet, por pessoas e grupos que se apresentam como defensores da verdadeira doutrina católica, porque tal documento teria sido escrito por uma pastora protestante feminista, defensora do aborto, etc.

Em outras palavras, os que acusam o texto da CF não apontam as falhas do documento em si – porque provavelmente nunca

o leram – mas atacam somente quem, segundo eles, o escreveu. Fica evidente que estamos diante de um clássico caso de acusações falaciosas e logicamente incoerentes, porque não provam o que alegam, isto é, não mostram no texto onde está a heresia ou doutrina contra a fé. Assim, sem entrar na análise do conteúdo do texto-base da Campanha da Fraternidade, querem com suas falácias parecer convincentes para grande parte do público, que acaba acreditando, por não perceber que está sendo enganado com falsos argumentos.

Não vale a pena, portanto, perder muito tempo com quem se utiliza de argumentos falsos para defender suas ideologias que, aliás, pouco tem de religiosas, espirituais e verdadeiramente cristãs e católicas. Pois, qualquer pessoa com um mínimo de formação teológica e honestidade intelectual que ler o texto-base da CF2021, ficará encantado com a riqueza da sua fundamentação na Sagrada Escritura e no magistério da Igreja Católica, que fala pela voz do Santo Padre Papa Francisco e de seus antecessores, como João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI.

O texto da Campanha da Fraternidade deste ano começa nos recordando, por exemplo, que a Quaresma, na tradição cristã, é um período de conversão

e de autorreflexão. São 40 dias dedicados à oração, ao jejum, à partilha do pão e à conversão pela revisão de nossas práticas e posturas diante da vida, do Planeta e das pessoas. Em seguida, somos convidados ao arrependimento dos pecados cometidos e o reconhecimento de que esses pecados são uma ofensa ao Deus amor. O texto explica que a contrição não tem relação com o medo de ser castigado por Deus, mas é resultado da graça de Deus, que nos permite o reconhecimento de nossos pecados e o sincero arrependimento, Deus nos perdoa porque é amor misericordioso.

Com o lema “Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2,14), frase que é uma “confissão de que a fé em Jesus Cristo não é motivo para divisões e conflitos, mas é a inspiração maior para a convivência e o diálogo” (Texto-Base 114), o texto valoriza o jejum como parte integrante da espiritualidade quaresmal, recordando que há muitas formas de jejuar, mas o jejum que agrada a Deus é apresentado pelo profeta Isaías, que nos questiona se jejuar é não “desatar os laços provenientes da maldade, desamarrar as correias do jugo, dar liberdade aos que estavam curvados, em suma, que despedaceis todos os jugos? Não é partilhar o teu pão com o faminto? E ainda? Os pobres sem

abrigo tu os albergarás; se vires alguém nu, cobri-lo-ás: diante daquele que é a tua própria carne, não recusarás. Então a tua luz despontará como a aurora, e o teu restabelecimento se realizará bem depressa. Tua justiça caminhará diante de ti e a glória do Senhor será a tua retaguarda” (Is 58,6-8).

Com profundidade teológica, o texto-base destaca a importância do Espírito Santo como o grande animador e vivificador das comunidades cristãs, pois é ele “que nos movimenta para realizar gestos concretos em favor da paz que já temos em Cristo. É o Espírito Santo que abre nossos olhos, mentes e corações para que percebamos o sentido da afirmação da Carta aos Efésios que diz: ‘Assim, não sois mais estrangeiros nem migrantes; sois concidadãos dos santos, sois da família de Deus’ (2,19). Essa nova humanidade que floresce sob o mesmo Espírito fez com que ‘fostes integrados na construção que tem como fundamento os apóstolos e os profetas, e o próprio Jesus Cristo como pedra mestra’ (2,20a), ‘É nele que toda a construção se ajusta e se eleva para formar um templo santo no Senhor’ (2,21). Participantes na Criação e também frutos dela, em Cristo, que é a nossa paz e une os grupos humanos que estavam separados (Texto-Base 137). O elemento cristológico

da nossa fé é também explicitado, quando o texto afirma que “em Cristo, recebemos essa abundância de bênçãos, que nos torna herdeiros e herdeiras do Mistério revelado de ser um só povo unido em diversidade. Ser integrados e integradas na construção do Reino de Deus aponta para a unidade, que se realiza na oferta da diversidade dos dons concedidos por Cristo a cada pessoa, para que a casa comum seja um ambiente seguro e feliz para todos os seres vivos” (Texto-Base 137).

Trata-se, portanto, de um texto cheio de espiritualidade, que nos conduz ao encontro com o Senhor na oração pessoal e comunitária, colocando no centro da reflexão a necessidade de conversão, que nos provoca a pensarmos e repensarmos cotidianamente nossa forma de estar no mundo. Sendo espiritual sem ser “espiritualista”, o texto nos leva a questionarmos sobre como nos envolvemos com as transformações sociais, econômicas, espirituais, ecológicas, individuais e coletivas, a fim de que sejamos, cada vez mais coerentes com os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos. De fato, a CF quer nos ajudar a reconhecer que “o caminho para a maturidade cristã respeita e acolhe a diversidade e só alcança a plenitude mediante a cooperação mútua” (Texto-base 138).

Mesmo se tratando de um documento ecumênico, em relação aos temas sociais, o texto-base da CF em nada se diferencia da Doutrina Social da Igreja, assumida já pelas anteriores Campanhas da Fraternidade e pelos Papas. E cheio de espiritualidade profética e samaritana, denuncia os males sociais que afligem os filhos e filhas de Deus e se solidariza com os que mais sofrem e são vítimas da injustiça e violência, convidando-nos a que nos perguntemos ao longo dos 40 dias da Quaresma, se a nossa prática cristã promove a paz ou potencializa o ódio. Esperamos que este seja um tempo que nos ajude a testemunhar e anunciar com a própria vida que Cristo é a nossa paz, adotando comportamentos de acolhida, de diálogo, de não violência e antirracistas” (Texto-base 14).

Falando, por exemplo, do racismo, o texto relembra que “os índices de homicídio revelam o racismo que vigora no Brasil. Os índices de violência letal atingem mais a população negra do que a branca. Os jovens negros são as principais vítimas de homicídios no Brasil. A taxa de assassinatos de pessoas negras apresenta crescimento significativo no transcorrer dos anos” (Texto-base 60). Ora, quem discorda da presença deste tema em um documento pastoral como este, ainda não entendeu as palavras

de São João Paulo II, proferidas em 24 de outubro de 2002, na sua mensagem “Por um empenho para vencer o racismo, a xenofobia e o nacionalismo exagerado”. Com vários dados e exemplos de casos ocorridos recentemente, o texto recorda que “os choques entre comunidades, grupos e organizações sociais têm como um de seus fundamentos a questão do preconceito étnico e racial. O ódio ao diferente, dirigido contra pessoas por causa de traços físicos, expressões culturais, vestimentas, língua, vocabulário, dança e religião, encontra nessas características justificativa suficiente para a violência e para a perseguição (Texto-base 85).

Além disso, o texto da CF se opõe frontalmente contra o avanço do feminicídio no Brasil, mostrando dados concretos que denunciam o sistema de violência que no qual “as mulheres, em especial as negras e indígenas, são impactadas em todas as dimensões da sua existência” (Texto-base 67). Ora, em recente vídeo publicado no dia 1º deste mês, o Papa Francisco também denuncia que “ainda hoje existem mulheres vítimas da violência: violência psicológica, violência verbal, violência física, violência sexual. É impressionante, o número de mulheres afetadas, ofendidas, violentadas. As várias formas de maus-tratos que muitas mulheres padecem são uma perversidade e uma degradação

para a humanidade inteira. Para os homens e para toda a humanidade. Os testemunhos das vítimas que têm a coragem de quebrar o silêncio são um pedido de ajuda que não podemos ignorar e olhar para o outro lado”.

Em relação à nossa casa comum (o planeta em que vivemos) e à Amazônia, em especial, a Campanha da Fraternidade se une à voz do Papa e do Sínodo sobre a Amazônia, quando chama a atenção de todos, denunciando que “entre agosto de 2018 e julho de 2019, houve um aumento de 29,5% do desmatamento na Amazônia. Foi desmatada uma área de 9762 km<sup>2</sup>, a maior em mais de uma década. As queimadas, invasões e o extrativismo ilegal violentam a vida na região e alteram todo o ecossistema local e os regimes de chuvas e equilíbrio climático no território nacional e em territórios estrangeiros”. Toda essa situação afeta diretamente os povos tradicionais, “que têm uma vida ligada à convivência com a natureza”, quando são forçados a deixar “seus territórios de origem, seja pelos resultados dos crimes ambientais, seja para que grandes empresas desenvolvam atividades de extração mineral ou florestal e agora, mais recentemente, são entregues à própria sorte, abandonados quanto aos cuidados e prevenção do novo coronavírus” (Texto-base 79).

Enfim, esses são alguns dos graves pecados sociais contra os quais os cristãos devem se posicionar claramente contra, como sempre fizeram os nossos últimos Papas, fazendo prevalecer a paz, que significa “tanto superação das violências e das discriminações, quanto a plenitude de vida, consequência de relações equânimes entre o ser humano e a natureza, o ser humano e seus semelhantes e o ser humano e Deus”. Ao longo de todo o documento se evoca o nome de Cristo, como “aquele que garante as relações de equidade e acolhida entre todos os povos”, uma vez que “a afirmação ‘Cristo é a nossa paz’ confessa que em Cristo não há lugar para a violência e o racismo, para o ódio e a discriminação” (Texto-base 68). Citando sempre os textos paulinos, a CF nos orienta que “a paz que brota da fé em Cristo é a superação da inimizade e do ódio. Ela promove a unidade (Ef 4,1- 6), enquanto o ódio provoca inimizades e agressões e a guerra mata e destrói. A paz permite cuidar e reconstruir a convivência social – ‘sois da família de Deus’ – irmãos e irmãs (Ef 2,19)!” (Texto-base 131).

Como se vê, trata-se de um texto que, não obstante o seu caráter ecumênico (e talvez por isso omite a menção a Nossa Senhora, como outros documentos ecumênicos o fazem), é rico de conteúdo doutrinal e espiritual para

nos ajudar a viver intensamente esse período da Quaresma, razão pela qual os nossos bispos nos convidam a usá-lo.

Quanto a ser um texto que defende o aborto, a prática LGBT, a ideologia de gênero, como dissemos acima, são discursos falaciosos que querem no fundo atacar a Igreja, sob o pontificado de Francisco, por não aceitarem as reformas que ele está fazendo, na direção de uma Igreja cada vez mais em saída, samaritana e sinodal. Não há nada escrito no texto da CF que confirme essas falsas acusações – fake news.

De fato, na única vez que o texto-base e refere à população LGBT é para denunciar, como faz em relação às mulheres, negros e povos indígenas, o aumento exponencial da violência contra esses nossos irmãos e irmãs, com centenas de casos de homicídios, “efeitos do discurso de ódio, do fundamentalismo religioso, de vozes contra o reconhecimento dos direitos dessas populações e de outros grupos perseguidos e vulneráveis” (Texto-base 68). E mesmo as inúmeras “mortes provocadas pela pandemia não contribuíram para que repensássemos nossas relações. A violência também aumentou nas casas. Entre março e abril de 2020, meses em que o isolamento social esteve mais forte, os casos de feminicídio aumentaram 5%

em relação ao mesmo período de 2019. Somente nesses dois meses, 195 mulheres foram assassinadas” (Texto-base 34). Como não se preocupar e ficar calado diante de tamanha ofensa a Deus e ao ser humano, criado à sua imagem e semelhança?

Portanto, estamos diante de um texto e de uma campanha que nos faz, verdadeiramente, mais amigos de Deus, amigos entre nós e amigos da criação-natureza, entendendo que “fraternidade e diálogo são desafios de amor. Devemos nos engajar agora, na comunidade e no lugar onde vivemos. Acreditamos que Cristo é a esperança do estabelecimento definitivo da fraternidade e da paz” (Texto-base 19).

Para concluir, vale a pena citar a bela **oração do Cardeal José Tolentino Mendonça, incluída no texto da CF2021:**

*“Livra-nos, Senhor, deste vírus, mas também de todos os outros que se escondem dentro dele.*

*Livra-nos do vírus do pânico disseminado, que em vez de construir sabedoria nos atira desamparados para o labirinto da angústia.*

*Livra-nos do vírus do desânimo que nos retira a fortaleza de alma com que melhor se enfrentam as horas difíceis.*

*Livra-nos do vírus do pessimismo, pois não nos deixa ver que,*

se não pudermos abrir a porta, temos ainda possibilidade de abrir janelas.

*Livra-nos do vírus do isolamento interior que desagrega, pois o mundo continua a ser uma comunidade viva.*

*Livra-nos do vírus do individualismo que faz crescer as chagas do silêncio.*

*Livra-nos do vírus da impotência, pois uma das coisas mais urgentes a aprender, é o poder da nossa vulnerabilidade.*

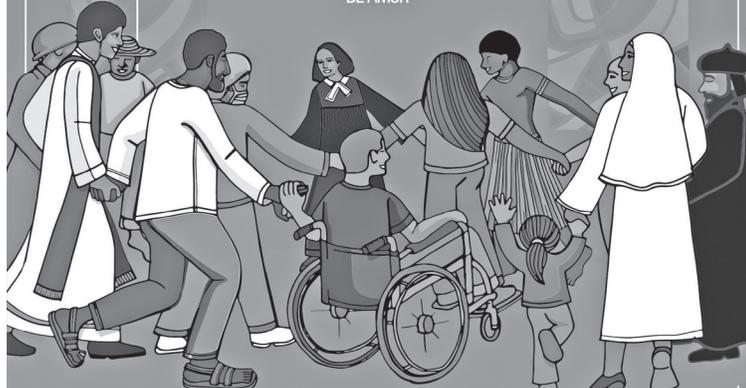
*Livra-nos, Senhor, do vírus das noites sem fim, pois não deixas de recordar que tu mesmo nos colocaste como sentinelas da aurora”*

(Texto-base 56).

V CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA

**“CRISTO É A  
NOSSA PAZ:  
DO QUE ERA DIVIDIDO  
FEZ UM A UNIDADE”.**  
(EF 2,14A)

“FRATERNIDADE E  
DIÁLOGO: COMPROMISSO  
DE AMOR”



28 DE MARÇO - COLETA NACIONAL DA SOLIDARIEDADE - DOMINGO DE RAMOS



Foto: Arquivo CNBB



## VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA NEGRA NO BRASIL

IR. M. HELOÍSA HELENA BENTO, SND<sup>1</sup>

### Resumo

**E**ste artigo é parte de um estudo que visa abordar a Vida Religiosa Negra Feminina no Brasil. O ingresso da mulher negra na estrutura conventual, a época e como se deu. Nos mais de quinhentos anos, desde o Brasil colônia até os dias atuais, o negro foi tem sido muitas vezes silenciado, porém, um grande número dessa população ousou, e ainda ousa romper com esse silêncio imposto pela sociedade. Os avanços podem ser percebidos, contudo,

estamos longe de atingir o ideal de igualdade anunciada por Jesus Cristo em seu Evangelho. A vida religiosa, quando assume a missão junto às populações mais carentes, tem uma oportunidade ímpar de ajudar na formação da identidade/pessoa. Não como uma “missão colonizadora”, fala que ouvi uma vez de um negro norte-americano, mas como uma missão que valorize as diferenças e que, a partir delas, faça com que o indivíduo se reconheça como pessoa e de forma evangélica trace o seu caminho. A vida religiosa consagrada feminina

<sup>1</sup> Religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Aluna do 5º ano do curso de Teologia PUC-RJ.



Fonte: Google

e negra avançou, crescemos em número e nos é oportunizado o acesso aos estudos. Mas até que ponto temos liberdade e espaço de usarmos nossos dons e talentos dentro daquilo que optamos por fazer ou que a congregação nos proporciona? Somos uma presença negra dentro de nossas congregações ou apenas nos tornamos co-irmãs? Somos incentivadas a buscar as nossas origens, a compreender a nossa história, a saber sobre a nossa ancestralidade ou ainda acreditamos e comemoramos o 13 de maio, esquecendo-nos a que tivemos um 14, 15, 16... que desembocaram em um 2020, aonde ainda vamos para as ruas gritando “vidas negras importam” quando morre um norte-americano e ignoramos as mães

pretas que perderam seus filhos, filhas para o tráfico ou para uma bala perdida? Conseguimos nos reconhecer como negras ou assumimos a cor da congregação que nos acolheu evitando falar sobre o assunto?

**Palavras-chave:** *Mulheres, Brasil, Servidão, Racismo.*

## Introdução

Uma parte maior da população negra, em comparação aos anos anteriores, vem se reconhecendo, assumindo o seu lugar de fala. Percebemos esse aumento nas negras e negros, que se olham no espelho e se reconhecem como pessoa, que já não trazem em si o complexo de inferioridade imposto pela experiência de um

país colonizado. Hoje é comum o uso de cabelos black, trançados, rastafari. A presença, como protagonista, nos meios de comunicação vem contribuindo também para uma maior identificação e a certeza de que o sonho pode se tornar algo real. Contudo, uma grande parte da população ainda sofre com o racismo velado, estrutural, que os impede de crescer, e, também, com o racismo público que ceifam as suas vidas.

Frantz Fanon, em 1952 cita Aimé Césaire em *Et les chiens se taisaient*, em que ele diz: “Não há no mundo um pobre coitado linchado, um pobre homem torturado, em que eu não seja assassinado e humilhado.”. Parafraseando, eu afirmo que: não há no Brasil uma pobre mulher, analfabeta, abusada, torturada, machucada, maculada, violentada, em que eu não seja assassinada e humilhada. Com o racismo todos sofremos.

A Covid 19 desnudou de vez aquilo que se encontrava escondido. Palavras como necropolítica, racismo estrutural, biopoder e relatos de muitos irmãos e irmãs nos interpelam para que, de forma evangélica, consigamos construir e ajudar um povo carente, ao léu, que sobrevive como ovelhas sem pastor.

Em uma de minhas entrevistas com uma irmã parda,

estávamos refletindo sobre a dificuldade que muitos pardos têm de se identificar com a raça negra, muitos assumem que não têm raça. Ao final, concluímos que essa dificuldade encontra morada em um não desejo de se identificar como negro, ou ser negro. O que de certa forma se externa na forma não assumida dos cabelos crespos ou na maquiagem muitas vezes usada para disfarçar características que são próprias do negro, como o nariz e os lábios. Aquela fala deixou transparecer o desejo pelo embranquecimento, uma certa negação daquilo que não é associado ao belo tão bem representado na obra do espanhol Modesto Brocos, *A redenção de Cam*, datada de 1895.

As políticas afirmativas, como as cotas, tentam reparar um mal passado, mas se tornam insuficientes se agregadas a essas políticas, têm-se a deficiência de todas as outras coisas importantes para a formação do cidadão/pessoa, como saúde, esportes, direito a lazer e uma formação inicial que vise à pessoa em sua totalidade, detentora de uma história.

Fanon, em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (pág.47), nos

diz que “o importante não é educá-los”, aqui se referindo à educação universitária, mas “levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos”.

Na pág. 59 continua: “O problema é saber se é possível ao negro superar o seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável.”

## Desenvolvimento:

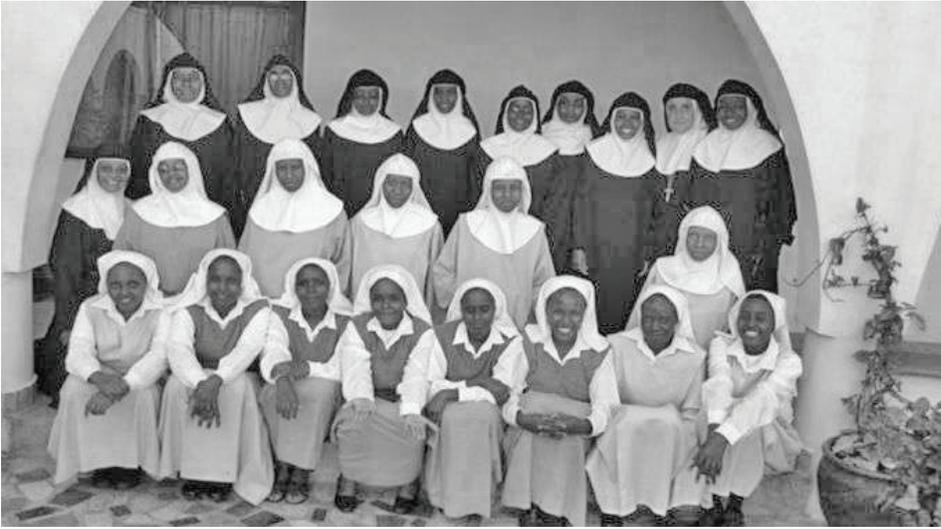
Segundo Riolando Azzi, as primeiras expedições vindas para o Brasil eram compostas majoritariamente por homens. Eles chegavam aqui para defender e conquistar territórios. A medida em que se conquistava mais espaços, aumentava a necessidade de mão de obra. Mão de obra barata. Sendo uma prática comum em terras europeias, a escravidão de negros não encontrou resistência para chegar até aqui.

Foi somente em meados do séc. XVI que os primeiros grupos de jesuítas chegaram com a missão de formar missionários aborígenes para a evangelização dos índios.

Em terras brasileiras, os portugueses mantinham relações com

A Covid 19 desnudou de vez aquilo que se encontrava escondido. Palavras como necropolítica, racismo estrutural, biopoder e relatos de muitos irmãos e irmãs nos interpelam para que, de forma evangélica, consigamos construir e ajudar um povo carente, ao léu, que sobrevive como ovelhas sem pastor.

as indígenas e as negras, mas não as assumiam em matrimônio e nem mesmo os filhos, que porventura gerassem. As primeiras mulheres brancas só chegaram a partir de 1530. Em princípio, eram órfãs, que chegavam com o objetivo de contrair matrimônio com os colonos para que eles não se envolvessem com as mulheres negras e indígenas e favorecer o crescimento de uma classe branca e lusitana. A sorte não era a mesma para todas as que chegavam. Muitas, por conta da pouca idade, morriam na hora do parto, outras agarravam-se à sorte de uma nova vida e outras ficavam órfãs, e, sem um protetor que as cuidassem, acabavam, para sobreviver, trilhando o caminho da prostituição. A medida que a população crescia, aumentavam-se os problemas. Se entre as mulheres negras, índias e brasileiras a prática da violência sexual era uma das geradoras



Fonte: Google

do grande número de crianças órfãs, o medo da desonra, pelas mulheres brancas, também contribuía para o abandono.

Aos olhos dos missionários, três problemas deveriam ser combatidos: a educação dos meninos indígenas, o amparo das crianças abandonadas que muitas vezes, para sobreviver, prostituíam-se e a defesa da virgindade das mulheres. E com o intuito de minimizar esses problemas, o Pe. Manuel da Nóbrega SJ desejou organizar casas com uma estrutura semelhante a um convento. Foi neste intuito, que no séc. XVII, foram criadas, no Brasil colonial, as primeiras casas de recolhimento.

O governo português não achava conveniente a existência de mulheres celibatárias e consagradas no Brasil, e as poucas

Instituições de vida religiosa femininas permitidas constituíram apenas concessões às pressões vindas da população. As primeiras instituições deveriam ser contemplativas e de clausura e atenderiam às mulheres brancas, que muitas vezes estavam ali não pelo crucificado, mas por outras razões. Isso dificultava a vida pautada no Evangelho. Muitas dessas mulheres não abandonavam nem seus costumes e nem seus caprichos. Uma das soluções foi manter o regime escravocrata no convento, contrariando o rei Pedro II que, em 1716, proibiu a existência de escravos nos Recolhimentos e Conventos.

Em 1721, conseguiram a autorização para ter servas, escravos e escravas no interior das instalações conventuais. Em 1775, a

soma das escravas particulares, escravas da comunidade, escravo da comunidade e servas forras era mais ou menos três vezes mais que o número de religiosas professas dentro dos Conventos e Recolhimentos em Salvador, na Bahia.

Os votos particulares eram a saída para aquelas mulheres que não tinham condições financeiras para entrar na vida religiosa e nem “arrumar” um bom casamento. Mantinham a virgindade, uma vida reclusa e se dedicavam à caridade aos mais necessitados. Eram conhecidas como beatas e admiradas, pelo povo, como exemplo de virtude e santidade. Tínhamos: as beatas enclausuradas, que assumiam a clausura após a morte dos pais e as peregrinas, mulheres que haviam enviuvado.

Reconheciam-se dois tipos de vida religiosa no Brasil colonial: uma oficial, vivida nos conventos e mosteiros destinados às mulheres brancas e ricas da classe dominante, e outra mais informal, não reconhecida oficialmente, que permitia o acesso daquelas que se viam excluídas da primeira possibilidade.

“Entre as mulheres pobres, brancas, mestiças ou negras, escravas ou livres, certamente muitas aspiram a uma vida

religiosa conforme os padrões da época, ou mesmo com uma intuição mais profunda dos valores evangélicos. Fizeram-se beatas, peregrinas e penitentes, seguiram os ermitães e pregadores populares, dedicaram-se a educar meninas nos poucos recolhimentos onde eram aceitas, viveram sua forma de vida religiosa como servas nos conventos. Foi provavelmente entre as mulheres pobres e mais oprimidas que a congregação religiosa teve sua expressão mais autêntica, por serem vítimas e não cúmplices de injustiça, embora muito pouco saibamos de suas vidas e os documentos sejam omissos a tal respeito. É dos pobres, de fato, que brota a compreensão mais radical do Evangelho. É possível, pois, conjecturar

Reconheciam-se dois tipos de vida religiosa no Brasil colonial: uma oficial, vivida nos conventos e mosteiros destinados às mulheres brancas e ricas da classe dominante, e outra mais informal, não reconhecida oficialmente, que permitia o acesso daquelas que se viam excluídas da primeira possibilidade.

que a vida religiosa feminina na cristandade colonial não tenha fugido a essa regra.” (AZZI, R, Rezende. M.V., 1983, p.60)

As casas de recolhimento eram semelhantes, em sua estrutura interna, aos conventos e mosteiros. As internas, nas casas de recolhimento, não faziam os votos e nem profissão, contudo viviam sob regime de reclusão total ou parcial, dependendo da instituição. Outra diferença, cita Luiz Mott em seu livro: *“Rosa Egipcíaca, Uma Santa Africana no Brasil”*, era que enquanto nos conventos, mosteiros e abadias predominam as virgens e as donzelas, e excepcionalmente as viúvas honestas, desde os primórdios da cristandade os recolhimentos foram procurados por mulheres convertidas, muitas buscando, na vida comunitária e reclusa, a penitência, o amparo e a negação do errado passado.

Azzi afirma que sob o termo de recolhimento existiram quatro tipos de instituições diversas destinando-se à educação de meninas, à reabilitação de madalenas arrependidas, à observação por piedosas

mulheres. Nesse contexto, temos a história de uma negra, ex-escrava e ex-prostituta a fundar um “convento de recolhidas, ou casa de recolhimento”, o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, no centro do Rio de Janeiro, relatada no livro de Mott.

Rosa ficou à frente da casa de Recolhimento, porém o seu nome não aparece como regente. Mott diz: “Rosa nunca foi oficialmente regente do parto. No papel, e à vista do Bispo, Maria Tereza do Sacramento era a regente; na prática, contudo, era a negra quem mandava, tanto que a partir desta época passa a ser chamada por todos de madre: Madre Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz. Tinha então 36 anos.”

Essa casa de recolhimento que, em princípio, pensava-se,

Foi provavelmente entre as mulheres pobres e mais oprimidas que a congregação religiosa teve sua expressão mais autêntica, por serem vítimas e não cúmplices de injustiça, embora muito pouco saibamos de suas vidas e os documentos sejam omissos a tal respeito.

que seria para abrigar as maldenas, chegou a abrigar: mulheres e moças de classe sociais diversas, donzelas, escravas, brancas de “sangue puro”, idosas...

Dagoberto José Fonseca, em seu trabalho de doutorado, defendido em maio do ano 2000, na introdução do cap. II intitulado como: “Do corpo visível à mulher invisível: mioopia, clausura e silêncio”, diz que: “A identidade não se reduz e não se fixa no tempo, ela se faz no dia a dia de nossos corpos, de nossas vidas”. E que foi a partir dos anos 60 que houve uma abertura significativa para a presença de afrodescendentes na Vida Religiosa. Porém somente na década de 90 é que começa um esforço maior para se relacionar vida religiosa e etnias e as menções sobre a presença negra nas congregações.

O papa João Paulo II, em Santo Domingo no ano de 1992, diz: “Peço a Deus que nas vossas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro americanos do continente possam contar com ministros provenientes de vossas próprias famílias”. Porém, temos

dados que antes do Concílio Vaticano II, a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado foi a primeira a aceitar candidatas negras para ingressar em suas instituições.

O Bispo Dom José Maria Pires, no prefácio da obra *Tecendo memórias, gestando futuros*, ente outras coisas nos esclarece que: precisamos levar em consideração a época em que se deu o ingresso dessas irmãs e o que isso significou em termos de história e avanço. O Instituto surgiu na primeira metade do século XX e, naquela época, o preconceito em relação à raça negra ainda era muito grande. Havia dificuldades para o ingresso na vida religiosa tanto para os homens, quanto para as mulheres, contrariando o Evangelho, a discriminação era ainda maior. Um dos empecilhos era a relação feita entre a cultura e as religiões de matriz

“Peço a Deus que nas vossas comunidades cristãs, surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro americanos do continente possam contar com ministros provenientes de vossas próprias famílias”.

afro, consideradas pagãs ou coisa do demônio e o mito de que o negro ou a negra não conseguiria viver a castidade.

As constituições das ordens e congregações femininas, geralmente, vedavam o acesso as jovens da raça negra. Isso permaneceu até o Concílio Vaticano II que de certa forma fez com que as constituições fossem revistas e adquirissem uma postura mais evangélica.

Dom José nos diz que o preconceito era vivido, experimentado pelas duas partes. Se por um lado o branco se considerava superior só pelo fato de ser branco, por outro o negro, de modo geral, tinha o complexo de inferioridade e se considerava menos virtuoso, menos capaz, menos inteligente que o branco. Afirma que essa postura, que favorecia a segregação, era alimentada por muitos superiores.

O pós Concílio Vaticano II revelou uma mudança de época e o momento clamava por ser vivido e lido na dinâmica de uma época de mudança. Os pré-conceitos não deixaram de acontecer, tanto no que diz respeito às relações internas quanto no que diz respeito à sociedade não acostumada a

ter que lidar com uma irmã negra principalmente em um cargo de liderança.

Em 1979, grandes expectativas se criaram em relação à Conferência de Puebla, mas essa só trouxe uma pequena frase como nota de rodapé que dizia: “Infelizmente o problema dos escravos africanos não mereceu a suficiente atenção evangelizadora e libertadora da Igreja”. Falava-se na opção preferencial pelos pobres. E quando se lia pobres, ali se incluíam os negros e negras.

Puebla pode não ter se expressado de forma mais clara em relação aos problemas enfrentados pelos tantos negros católicos que já atuavam e outros que não participavam das comunidades, mas junto com outros documentos abriu espaço para um trabalho

As constituições das ordens e congregações femininas, geralmente, vedavam o acesso as jovens da raça negra. Isso permaneceu até o Concílio Vaticano II que de certa forma fez com que as constituições fossem revistas e adquirissem uma postura mais evangélica.

mais ativo da Vida Religiosa Consagrada (VRC) junto às populações mais carentes.

Atualmente, como está a caminhada da VRC negra feminina, qual a sua contribuição para a Pastoral Afro-brasileira e como é a sua atuação em suas congregações e pastorais?

No intuito de continuar o debate sobre essas questões iniciamos uma etapa de entrevistas e questionários.

**Irmã Cleia Ramos, Instituto das Missionárias do Rosário de Fátima:**

**Como você conheceu a sua congregação?**

*Através de uma missão paroquial. Posteriormente, encontros vocacionais.*

**Como foi o teu chamado a seguir Jesus e em que ano isso se deu?**

*Nossa, eu senti estranho. Como algo novo e que me faltava. Não sabia o que era, mas quis descobrir. A vida que eu vivia, não me preenchia. Assumir algo na missão da Igreja como aquele dia, foi minha curiosidade. Eu podia fazer algo na igreja, eu podia fazer algo para as pessoas e sobretudo ser feliz, então embarquei...*

**Qual o seu grau de instrução? Teve algum incentivo para dar continuidade a seus estudos?**

**Se sim, você aceitou? Se não aceitou, qual foi o motivo?**

*Eu estudei Biologia, Licenciatura Plena e depois Enfermagem*

*Minha congregação sempre incentivava e investe nos estudos.*

**É comum você ouvir das irmãs a seguinte frase: “Somos iguais...”? E o que você pensa sobre isso?**

*Das mais velhas, nunca. Das jovens, sempre.*

*Penso que é sinal de insegurança de ambos os lados.*

**A Bianca Santana tem um livro intitulado: “Quando me descobri negra”. Minha pergunta é: Quando você se descobriu negra, que é diferente de se perceber negra, você consegue perceber a diferença?**

*Sim. Uma é a aceitação, me descobri, sou negra e me aceito, qualidade. A outra me parece ser para dados estatísticos, sei lá, quantidade.*

**Você tem consciência da tua história? E da sua ancestralidade?**

*Muito pouco*

**Em tempos de formação (postulinter, novinter, juninter...), esse tema foi colocado e debatido? Ou só achavam bonitinho o canto Negra Mariama, sem nenhum aprofundamento daquilo que estava sendo cantado?**

*Sim. Apenas nas formações intercongregacionais.*

**E dentro das casas onde você passou, havia espaço para se conversar sobre essa questão? Você já trabalhou, diretamente ou indiretamente com a população negra, quilombolas etc...?**

**Não muito. Não**

**Depois desse bate papo, quais são as tuas perspectivas para o futuro?**

*Por enquanto vivendo as várias crises do hoje. Não perco esperança. Acho a vida do povo muito dura, difícil, sei que há algo muito bom vindo a partir do hoje, tenho acreditado no que Deus nos revelará.*

**Entrevista: Ir. Maria Lúcia de Oliveira (nome fictício, bem como os lugares)**

Em um primeiro momento, foi colocado para a irmã Maria Lúcia o motivo da entrevista, explicando para ela o que era o PIBIC e o objetivo do trabalho.

Tem como uma base principal a vida religiosa Negra desde seu início até agora no Brasil.

Três coisas me moveram a aceitar o desafio: uma palavra de um norte-americano em um documentário no qual ele falava sobre a missão colonizadora, ou o missionário colonizador que vai lá com intuito de ajudar o negro, mas não leva em consideração as diferenças e, na verdade, não permite que o negro se desenvolva e se reconheça como

tal dentro da realidade em que vive; a fala de uma religiosa, que chegara da África havia mais ou menos uns seis meses, onde ela constatou que na realidade de Moçambique, alguns negros ainda se consideravam inferiores ao branco que chegaram lá há tempos a fim de colonizar. Ela falava até com grande estranheza que o negro retinto, aquele com a cor de pele mais escura, demorava a arrumar casamento por conta do preconceito que havia entre as pessoas, a última foi o relato de uma mãe que se assustou com uma fala da filha de seis anos, que brincava sozinha ao ser preterida pelas outras crianças. Quando abordou a filha, que estava só, recebeu como resposta: “isso é assim mesmo mamãe...”.

E de que maneira podemos modificar isso? Promovendo verdadeiramente vida e fazendo outras coisas que mudem de verdade essa forma de pensar e agir?

**Heloísa: Como você conheceu a sua congregação?**

*Ir. Maria Lúcia: Eu conheci as irmãs da congregação em Ipatinga. Eu estudava de noite no colégio das irmãs e trabalhava em uma família como doméstica, lá em Ipatinga mesmo e lá indo e vindo eu sempre encontrava com uma irmã que se chamava irmã Tereza Maria de manhã, e aquele Bom dia dela também cada dia me incentivava ter coragem e a procurar as irmãs.*

**Heloísa:** E quando você chegou na congregação, como você foi recebida? Eu acho que você e a irmã Regina foram as pioneiras, em relação a negritude, aqui; ou não? Tinha outras negras aqui? Retintas como nós?

*Ir. Maria Lúcia:* Não, como não tem até hoje.

**Heloísa:** Ué, o que eu estou fazendo aqui? rs rs rs

**Heloísa:** Você teve algum incentivo para estudar? Você completou o ensino médio (antigo segundo grau)?

*Ir. Maria Lúcia:* Terminei, tive bastante dificuldade com a matemática. Eu terminei aqui o segundo grau e quando eu terminei a irmã perguntou se eu queria fazer a faculdade e eu disse que não. Se eu queria fazer o vestibular. Eu disse que não, mas naquela hora que ela me perguntou, eu estava dando graças a Deus de eu ter terminado, eu estava cansada, eu estudava a noite. Eu já tinha uma idade... Eu disse não. Eu não quero mais. Eu era muito fraca em matemática, eu não iria conseguir.

**Heloísa:** Você achava que não iria conseguir, mas nem tentou?

*Ir. Maria Lúcia:* Não, eu só terminei o segundo grau.

**Heloísa:** E dentro da congregação assumiu quais funções? Colégio, hospitais?

*Ir. Maria Lúcia:* Não, nem colégio e nem hospital, eu continuei aqui no serviço de casa, eu já estava aqui. Agora eu sou responsável pelo pessoal da limpeza, compra de material de limpeza... Essas coisas assim...

**Heloísa:** Você tem consciência do seu ser negro? Como foi essa descoberta para você?

*Ir. Maria Lúcia:* Como assim, que eu sou negra?

**Heloísa:** Não, isso você sabe, mas no sentido de se descobrir como pessoa, que o negro não é menos capaz, não é inferior. Ter consciência de que o negro não consegue dar passos porque o Brasil foi um país colonizado e que a pessoa do branco não é superior à pessoa do negro. Você consegue perceber isso? Que você não precisava ter desistido de fazer a faculdade naquela época porque as mesmas dificuldades que você tinha outras pessoas teriam também, independente da cor? O negro não está abaixo por questões de capacidade. Isso passou por tua cabeça? E na congregação, há conversas sobre as questões raciais?

*Ir. Maria Lúcia:* Não, eu simplesmente desisti. Eu nunca precisei conversar sobre isso, eu nunca...

**Heloísa:** Mas essa conversa é importante para você colocar para o outro a sua história. A história real e diminuir essa

**questão das diferenças que existem hoje em dia. A consciência de si é importante, trazer isso para o diálogo dentro de uma estrutura, onde a gente tem o poder entre aspas de estar modificando a vida de outras pessoas, isso é muito importante pois no final, todos ganhamos.**

*Ir. Maria Lúcia: É, eu estou escutando essa conversa aí pela primeira vez, mas dentro mesmo da comunidade eu nunca escutei uma conversa assim. Nunca foi puxado e eu também nunca senti essa necessidade de falar sobre isso, porque eu nasci negra, sei que sou negra, me vejo como negra e me gosto assim. Então eu não sei te dizer diferente assim, de levar para o diálogo, porque eu acho que nem iria saber o que falar.*

**Heloísa: Você acha que não iria saber o que falar? Como assim?**

*Ir. Maria Lúcia: O que falar sobre a minha história. Sei que meus antepassados vieram da África e certamente foi de uma colônia portuguesa pois o meu sobrenome é Oliveira, que é o nome que ganhavam dos seus senhores. Mas houve uma história com os avós de minha mãe. Bem o que sei é que eu sou descendente de africano e portugueses. Esse nariz achatado já diz...*

**Heloísa: O que significa para você Nossa Senhora morena e Jesus também?**

*Ir. Maria Lúcia: Para mim, se fosse negra ou branca tanto faz, porque é a mãe de Deus. Por quê? Para você não?*

**Heloísa: Não. Por que não retratar da maneira como ela verdadeiramente era? Será que não é, ainda uma maneira de você continuar com essa missão colonizadora onde a “minha raça” ainda é melhor?**

*Ir. Maria Lúcia: Ah, entendo... Eu assisti, em um noticiário, duas meninas com pele bem escura e elas diziam que não queriam clarear porque aquela era a sua cor e que elas se achavam lindas.*

**Heloísa: Na verdade o meu sonho é que todas as meninas, crianças tenham essa autoestima alta. Não só para a população negra, mas também para a branca que mora nas favelas, que elas também, como todas as crianças, possam sonhar com um futuro diferente. De certa forma, fazer com que todos tenham a experiência do Deus Bom e Providente.**

*Ir. Maria Lúcia: Mas esse negócio de negro, eu mais ouvi falar aqui no Sul. Pois nasceu no Brasil é negro, pode ser branco, mas nasceu no Brasil é negro. Quando eu estava estudando aqui tinha uma menina que tinha horror de ser chamada de negra, pois o pai dela era chamado de o negro que trabalhava e ele era branco, mas era brasileiro.... Ouvi muito assim: as crianças brancas*

*descendentes de italiano e alemão são as crianças, e os outros são os engenhos e muitas vezes nem são negros. Essa foi uma parte que eu achei muito esquisita. Eu não estava acostumada a ouvir isso assim. Quando iniciei como catequista em um bairro aqui próximo eu ouvia muito assim, das irmãs, os negrinhos, mas lá não tinha nenhuma criança da minha cor. Eu questionava: mas negrinhos? E ouvia como resposta: Sim são negrinhos...*

## Conclusão

Desde o Brasil colônia até os dias atuais, pode-se observar que houve várias mudanças nas relações tanto da mulher negra leiga, como da mulher negra religiosa. A principal se deu no que diz respeito às oportunidades. Hoje se vota, frequenta-se universidades, está-se nas mídias e, no que diz respeito à vida religiosa, em conversa com as irmãs contemporâneas, percebe-se incentivo a estudar, já assumindo alguns cargos de importância. Mas ainda não se chegou, tanto lá quanto aqui, a um ideal em que as diferenças sejam somente no que diz respeito à melanina. Em que o pré conceito e as definições pejorativas deixem verdadeiramente existir.

No interior das comunidades religiosas, esse ascender ainda

não assumiu o formato da água que faz mover o moinho, no intuito de mover outras águas e provocar uma mudança que faça a diferença na vida de tantos outros. Seja na vida de outros negros, seja na vida das pessoas que vivem em comunidades, na periferia, seja nos vários grupos de excluídos que necessitam de um “você é capaz, você consegue”! Tudo isso porque Deus é Bom e Ele, só Ele oportuniza a vida, de forma igualitária, para todos os seus.

Sem o conhecimento da história brasileira e do passado do negro, as conquistas massageiam o ego, mas ainda não são suficientes para perceber as diferenças e ousar fazer algo que vise promover a vida dos iguais. Da forma que está, parece estar bom, opta-se por manter a ignorância, mesmo quando se tem a oportunidade de aprender. Dá-se a chance de outros “Tarzans” tomarem o protagonismo de uma história de crescimento e liberdade que por direito deveria ser escrita e contada pelo próprio sujeito negro brasileiro.

Este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa de iniciação científica de graduação em teologia, sob a orientação do professor: Pe. Luis Corrêa Lima, SJ.

# ESCUTAR DEUS NA ERA DIGITAL: A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ EM NOVOS TEMPOS

PADRE ALFREDO SAMPAIO COSTA SJ<sup>1</sup>

## Resumo

A pandemia nos atinge de forma brutal e nos obriga a ter que reinventar nosso modo de viver, rezar e celebrar nossa fé. Abre-se diante de nós uma “espiritualidade digital”, repleta de desafios e de novas oportunidades. Objetivo neste

artigo é considerar as duas faces dessa nova espiritualidade: o que ela nos proporciona de ocasiões para nosso crescimento espiritual, mas também identificar os perigos diante dos quais temos que reagir como cristãos. Chegaremos, assim, a uma mística inclusiva, aberta e amorosa, conectados e comprometidos com as necessidades das pessoas e do nosso mundo.

*Palavras-chave:* Espiritualidade, internet, digital.

## Introdução: Uma oportunidade de nova, desinstaladora

A pandemia, que nos atinge de forma brutal, obriga-nos

1 Padre jesuíta, formado em Teologia espiritual com doutorado pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, onde lecionou por vários anos. Foi professor da Puc-Rio e da Unicap de Recife e responsável pela Espiritualidade da Província dos Jesuítas do Brasil. Atualmente é professor de teologia e pesquisador na FAJE (Faculdades Jesuítas de Filosofia e Teologia) de Belo Horizonte, autor de diversas publicações na área da espiritualidade, discernimento e orientação espiritual, entre elas “Encarnados no mundo com os olhos fixos em Jesus. Descobrir a mística inaciana”. São Paulo: Loyola 2019. Email de contato: alfredosampaiosj@gmail.com.

a ter que reinventar o nosso modo de viver, rezar e celebrar nossa fé. Fechados os acessos tradicionais à religião, nós nos vimos constrangidos a ter que buscar no mundo digital soluções para alimentar nossa fé. A internet é hoje, antes de tudo, uma experiência, um verdadeiro “espaço” de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida cotidiana: um novo contexto existencial<sup>2</sup>, um lugar real! Desinstalando-nos e nos obrigando a encontrar caminhos criativos para viver nossa fé, estamos vivendo um tempo rico de oportunidades e desafios!

## O Verbo se faz Rede: Uma Espiritualidade Digital

*Para essa primeira parte valemo-nos dos excelentes trabalhos de Moisés Sbardelotto sobre o tema. Afirma ele que hoje, por meio das mídias digitais, manifesta-se a configuração de um “novo Verbo”, de um novo tipo de relação fiel-sagrado. Com a internet, parece despontar uma possibilidade das Igrejas cristãs exponenciarem toda a “comunicabilidade do Verbo”<sup>3</sup>. Apontaremos aqui algumas das principais revoluções em curso:*

- 2 Antonio Spadaro, Quando a fé se torna social. São Paulo: Paulus 2016, 17.
- 3 Moisés Sbardelotto, E o Verbo se fez bit. A comunicação e a experiência religiosas na internet, Aparecida: Editora Santuário 2012, 22-23.28.

## Surgem novas formas de ser comunidade

As comunidades online não se regem por critérios de territorialidade ou geográficos. O deslocamento se dá em direção à lógica do acesso, no qual o pertencimento/participação se define pela “afiliação por navegação”. A comunidade de fé real não desaparece: ao contrário, o fiel a busca, dirige-se a ela, pede intercessão, partilha sua vida com ela<sup>4</sup>. Porém, é uma forma de comunidade segundo os protocolos do ambiente digital: fluida, líquida, virtual e, ao mesmo tempo, mantendo seu aspecto institucional. As relações e vínculos nesse ambiente são fragmentários: o fiel seleciona e escolhe sua alteridade (terrena ou divina), embora isso, para o próprio fiel, não caracterize uma fé vivida isolada e individualisticamente<sup>5</sup>.

## Imediaticidade, acessibilidade e disponibilidade do sagrado como nunca visto

Na internet, é necessário que aquilo que é buscado possa ser acessado imediatamente, esteja acessível de qualquer lugar que

4 Moisés Sbardelotto, E o Verbo se fez bit, 325.

5 Antonio Spadaro, “Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete”, in: Seminário do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais para os Bispos do Oriente Médio 2012, Harissa, Líbano: PCCS, 2012, 8.

A internet é hoje, antes de tudo, uma experiência, um verdadeiro “espaço” de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida cotidiana: um novo contexto existencial, um lugar real!

nos conectemos e disponível 24 h por dia. Não corresponder a uma dessas exigências é estar defasado ou fora de lugar. Qualquer que seja a experiência procurada, ela pode ser encontrada na rede<sup>6</sup>, nas suas mais diversas possibilidades e formas.

### O fiel leigo, corresponsável por sua fé

Ocorre uma “emergência das pessoas”, uma nova carga de sentido é derramada sobre os fiéis enquanto atores, comunicadores e cocriadores potenciais do sagrado. O fiel recebe do sistema um papel de corresponsabilidade por sua fé, podendo exercer sua proatividade nos rituais da Igreja. Assistimos “a uma perda de influência, a uma perda do poder da instituição religiosa sobre os comportamentos religiosos. Isso não significa absolutamente o desaparecimento da fé, mas a que individualização dos comportamentos conduz a que “cada vez

<sup>6</sup> Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 68.

mais, as pessoas compõem elas mesmas sua própria religião”<sup>7</sup>, com todos os riscos e atrativos que isso possa significar.

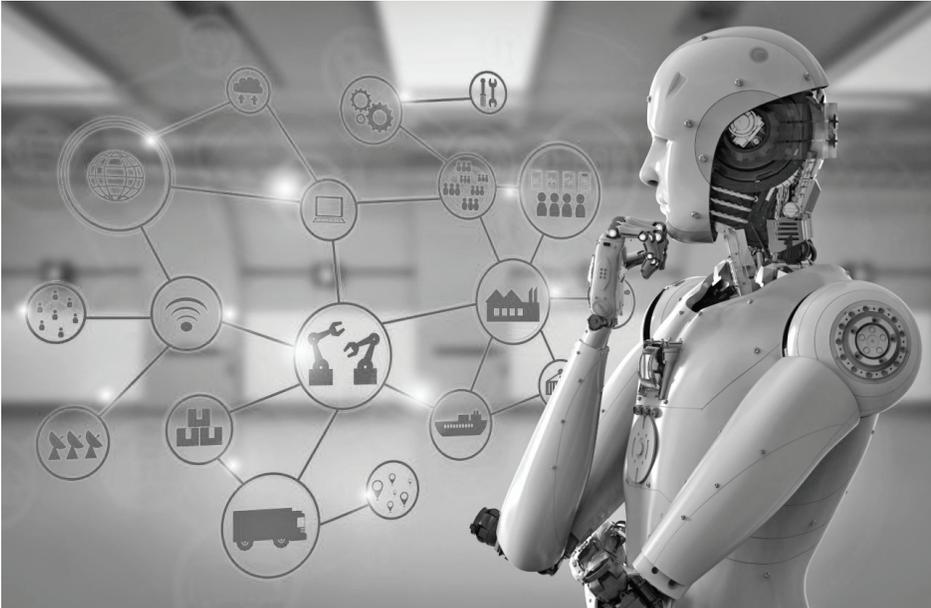
A comunidade de fé real não desaparece: ao contrário, o fiel a busca, dirige-se a ela, pede intercessão, partilha sua vida com ela. Porém, é uma forma de comunidade segundo os protocolos do ambiente digital: fluida, líquida, virtual e, ao mesmo tempo, mantendo seu aspecto institucional.

### Podemos “tocar” o sagrado o tempo todo

Agora, o fiel pode assistir quando quiser qualquer celebração litúrgica, independentemente do tempo litúrgico em andamento. Uma adoração ao Santíssimo pode ser feita a qualquer hora do dia. O acompanhamento espiritual não precisa mais ter hora marcada com o sacerdote ou religioso, pois pode ser feito a qualquer momento, em casa, no horário de trabalho, ou mesmo em trânsito<sup>8</sup>. Os processos lentos e penosos da ascese espiritual vão sendo substituídos pela lógica da velocidade absoluta, por uma “eternidade

<sup>7</sup> Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 316-317.

<sup>8</sup> Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 315.



Fonte: Arquivo Google

intensiva”<sup>9</sup>. A instantaneidade substitui as durações longas, os séculos dos séculos.

### **Podemos visitar os lugares sagrados ilimitadamente**

A celebração feita do outro lado do país ou do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto e é ele quem escolhe quando a missa vai começar e que tipo de envolvimento ele vai ter na liturgia. Não é necessário estar presente fisicamente. Ele pode ver e agir à distância, pode trocar de celebrante se a fala daquele não lhe agrada, mudando

9 Cf Lucien Sfez, “As tecnologias do espírito”, in: Francisco Menezes Martins; Juremir Machado da Silva (orgs.), Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e da Cibercultura, 3a. Edição, Porto Alegre: Sulina 2003, 113-134.

de canal ou página web. É ele quem detém o poder sobre o espaço sagrado midiático, ou ao menos pensa que é assim<sup>10</sup>.

### **Podemos ler e falar de tudo o que diz respeito à religião abertamente**

O que antes se conversava a nível privado, tornou-se público. Documentos e livros sagrados passam a circular livremente, sem restrições de iniciação ou catequese<sup>11</sup>. Pessoas de todo tipo e formação dão a sua opinião sobre tudo, sem censuras. Fãs clubes se multiplicam promovendo os grandes atores religiosos midiáticos, ávidos por ganhar

10 Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 318.

11 Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 324.

mais e mais seguidores. Tudo se debate, comenta-se, com ou sem fundamentos sólidos.

### **Podemos encontrar novos meios de sermos iniciados e celebrar nossa fé**

Os recursos midiáticos de hoje têm a capacidade de fazer com que a pessoa, diante da tela, faça uma experiência de estar diante de (e apenas de) Deus. De modo cada vez mais criativo e apostando na interatividade, o sagrado pode se manifestar e ser reconstruído, ressignificado, remixado, redimensionado pela subjetividade humana em cada manifestação. A experiência religiosa online, sem negar ou substituir a experiência religiosa tradicional, torna-se ainda mais complexa. É inegável que a experiência religiosa online ocorre efetivamente. Se os fiéis de hoje, como o Moisés bíblico, “sobem a montanha digital”, é porque viram uma “sarça ardente” em seu topo<sup>12</sup>.

### **Acesso instantâneo a tudo, mas de forma fragmentada e superficial**

Os conceitos de espaço e lugar são substituídos pela ideia de “acesso”; de outro, o conceito de

12 Cf Brenda Brasher, *Give me that Online Religion*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.

tempo é relativizado e substituído pelo de “instantaneidade”. Conectados à internet, temos acesso, onde quer que estejamos, a informações/eventos que se encontram a uma grande distância de nós ou que ocorreram em outros momentos<sup>13</sup>. Por outro lado, essa nova configuração espaço-temporal provoca alterações no âmbito sociocultural, como sua *fragmentação, desterritorialização, aceleração, expansão*<sup>14</sup>. Percebemos e captamos tudo de forma desintegrada, sem referências, e vamos substituindo velozmente uma sensação por outra.

### **Valor supremo hoje é podermos sentir que estamos conectados**

A essência de toda a rede é a conectividade. Ela passou a ser uma condição para o crescimento acelerado da produção intelectual humana. Em termos psicológicos, a conexão é o núcleo do bem-estar psicológico, uma necessidade humana básica, enraizada na existência humana, pois rompe com o isolamento, sendo uma qualidade essencial para o estabelecimento de relações<sup>15</sup>.

13 Cf. Paul Virilio, “O resto do tempo”, in: Francisco Menezes Martins; Juremir Machado da Silva (orgs.), *Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e da Cibercultura*, 3a. Edição, Porto Alegre: Sulina 2003, 105-110.

14 Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez bit*, 140.

15 Cf Jesse Rice, *The Church of Facebook: How the Hyperconnected Are Redefining Community*. Ontario: David C. Cook 2009.

Os recursos midiáticos de hoje têm a capacidade de fazer com que a pessoa, diante da tela, faça uma experiência de estar diante de (e apenas de) Deus. De modo cada vez mais criativo e apostando na interatividade, o sagrado pode se manifestar e ser reconstruído, ressignificado, remixado, redimensionado pela subjetividade humana em cada manifestação.

O significado mais profundo desse sentir-se conectado é descrito de modo magnífico por Deepak Chopra na sua obra “O futuro de Deus”:

*“Você se sente menos isolado, mais conectado com tudo ao seu redor. A insegurança é substituída por uma sensação de segurança. Você se sente em casa. As demandas do “eu” deixam de ter o mesmo apelo. Você consegue ver de uma perspectiva mais ampla do que o interesse próprio. Você se guia pelo impulso de ajudar e servir [...] as divisões não parecem fazer tanta diferença. [...] A vida não é mais aleatória nem repleta de crises iminentes. Você se sente mais equilibrado e em paz consigo mesmo”<sup>16</sup>.*

16 Deepak Chopra, O Futuro de Deus. São Paulo: Planeta 2015, 253.

Percebe-se ainda mais sua importância nas nossas experiências de *desconexão*<sup>17</sup>.

### **A internet nos ajuda a perceber (e poder rezar) os acontecimentos que fazem parte da nossa existência**

Nossa vida, que é divina, ao mesmo tempo, é humana. A espiritualidade é a vida levada a sério, é uma forma de viver a vida<sup>18</sup>. A internet nos impede de vivermos “como se nada estivesse acontecendo”, pois, queiramos ou não, somos bombardeados por todos os lados por notícias sempre atualizadas sobre a realidade que nos cerca e na qual vivemos, queiramos ou não. Somos chamados a buscar sempre mais a experiência da graça divina na nossa vida cotidiana, não para possuí-la egoisticamente, mas para com o coração agradecido, seguirmos nosso caminho, na certeza de que não caminhamos sós<sup>19</sup>.

### **Perigos a serem evitados na Nova Espiritualidade Digital**

Nesta segunda parte, queremos nos centrar nos desafios que se

17 Moisés Sbardelotto, E o Verbo se fez bit, 142.

18 José Maria Castillo, Espiritualidade para insatisfeitos. São Paulo: Paulus 2012, 20.

19 Cf Karl Rahner, Cose d’ogni giorno. Brescia: Queriniana 2016, 47.

apresentam à nossa fé a partir da sua expressão em modalidades midiáticas em meio à pandemia.

### **Acesso direto a tudo: é sempre positivo?**

A internet permite ligação direta com o centro de informações, pulando toda forma de mediação visível. Em si mesmo é um fato positivo porque permite atingir dados, notícias, comentários na fonte, pulando qualquer forma de passagem intermediária e tudo em tempo real. Pensemos, por exemplo, na localização dos documentos oficiais da Santa Sé. Mas a fé não é feita somente de informações, nem a Igreja é local de mera transmissão. Ela é lugar de testemunho vívido da mensagem que se anuncia: “Não se trata de transmitir noções abstratas, mas de oferecer uma experiência para ser compartilhada”<sup>20</sup>.

### **Deslocamento da autoridade da Igreja sobre a vida de fé do fiel**

Quando a Igreja, por meio do sistema, passa a permitir que o fiel organize sua vivência religiosa, concedendo-lhe o “poder” de organizar sua vida espiritual e sua fé de acordo com suas próprias escolhas, selecionando o que faz parte e o que não lhe interessa, há uma nova cláusula no contrato de vínculo entre esses

20 R. Lévy, *L’intelligenza collettiva*. Per un’antropologia del cyberspazio, Milano: Feltrinelli 2002, 148.

dois âmbitos da forma como era vivido anteriormente. Não afirmamos que a autoridade desaparece. Mas agora o fiel passa a ser visto também como “coprodutor” de sua fé, e a Igreja, ao invés de exigir obediência estrita, concede-lhe uma autonomia regulada, lhe deixa fazer a fé, desde que dentro dos parâmetros do sistema<sup>21</sup>.

### **Como fica a relação pessoal com Deus Trindade**

A comunidade eclesial tem sempre um princípio e um fundamento “externo”. A rede, por sua vez, pode ser entendida como uma espécie de grande texto autorreferencial, e, portanto, “horizontal”. Ela não tem raízes nem ramos e constitui um modelo de estrutura fechada em si mesma.<sup>22</sup> Quando rezamos diante da tela do computador ou do nosso smartphone, estamos realmente nos comunicando com Deus-Trindade de Amor, que está “acima de nós”, “com nós e junto a nós” e “em nós”<sup>23</sup>?

### **A graça teológica corre o risco de se tornar um bem de consumo**

Para que a graça fique na lógica que lhe é própria, é necessário que o “partir o pão” seja um

21 Antonio Spadaro, *Ciberteologia*. Pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas 2012, 85.

22 Antonio Spadaro, *Ciberteologia*. Pensar o Cristianismo nos tempos da rede, 86.

23 Gilbert Greshake, *Vivere nel mondo*. Questioni fondamentali della spiritualità cristiana. Brescia: Queriniana 2012, 242.

evento do qual se participa fisicamente, numa “atividade focal” que “faz convergir o nosso mundo como faria uma lente convexa e envia seus raios para trás em direção ao nosso mundo como faria um espelho côncavo”<sup>24</sup>.

### O conceito de “próximo” e mais especificamente de “amizade” se modificam e evoluem

As plataformas de rede social são, em seu conjunto, uma ajuda potencial para as relações interpessoais, mas também uma ameaça a elas. Seria triste se nosso desejo de manter e desenvolver as amizades online se realizassem às custas da disponibilidade para as relações pessoais vis-à-vis no mundo cotidiano, feito de encontros nos nossos contextos “reais” de vida: família, amigos, vizinhos que se encontram na realidade do dia a dia, no trabalho, na escola, no lazer. Paradoxalmente, as networks podem interromper a interação social real<sup>25</sup>.

### O risco de permanecemos fechados ao que é diferente

O Google e o Facebook nos conhecem baseados em nossos acessos à rede, nos sites que

visitamos, no que nos interessa mais. Isso traz um grande *risco: permanecermos fechados numa espécie de “bolha” que filtra o que é diferente a nós*, e assim não somos mais capazes de perceber que há pessoas, artigos, livros, revistas que não correspondem às nossas ideias, ou exprimem uma opinião diferente da nossa. No final, ficamos cercados por um mundo de informação e de relações que se parecem conosco: iguais a nós. O risco é evidente: fechar-se à provocação intelectual que provém da alteridade e da diferença. *Perder de vista a diversidade, aumentar a intolerância, fechar-se à novidade e ao imprevisto que escapam dos meus esquemas relacionais ou mentais*. O outro se torna significativo para mim se for, de algum modo, semelhante a mim, senão não existe<sup>26</sup>.

### Uma rede de relações imanentes não é a Igreja de Jesus Cristo

As relações na rede dependem da presença e do funcionamento eficaz dos instrumentos de comunicação<sup>27</sup>. A Igreja, por sua vez, não é redutível a um espaço público comum no qual as pessoas se reúnem em nome de Cristo, uma rede de relações imanentes, nem pode ser concebida como um projeto enciclopédico como

24 A. Borgmann, *Power Failure: Christianity in the Culture of Technology*, Grand Rapids (MI): Brazos 2003, 127.

25 Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social*. São Paulo: Paulus 2016, 26.

26 Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social*, 25-26.

27 Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social*, 27.

a Wikipédia<sup>28</sup>. Em vez disso, é um lugar de chamamento, de vocação, que pode também ultrapassar os limites de uma pura e simples vontade de integração.

## Conclusão: Uma Mística Inclusiva, Aberta, Amorosa

O *homo technologicus* é igualmente o homem espiritual. Há uma ligação inegável, profunda e radical entre a tecnologia e a espiritualidade<sup>29</sup>. O desenvolvimento tecnológico, se bem entendido, consegue exprimir uma forma de anseio de “transcendência” em relação à condição humana tal como ela é vivida atualmente. A tarefa específica do católico nos tempos da conexão relacional e social é fazer com que a rede amadureça de lugar de “conexão” para lugar de “comunhão”<sup>30</sup>. Sem medo. Mas com discernimento.

*Chamados a sermos “samaritanos comunicacionais.”*<sup>31</sup> o Papa Francisco propõe uma cultura do encontro a ser construída por todos, em um processo artesanal, tentativo, complexo e, justamente por isso,

28 Cf C. Shirky, *Surplus cognitivo. Creativiti e generosità nell’era digitale*. Turim: Codice 2010.

29 Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social*, 10.

30 Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social*, 25.

31 Cf Moisés Sbardelotto, *Comunicar a fé. Por quê? Para quê? Com quem?* Petrópolis: Vozes 2020, 138ss.

humano. Como construir essa cultura? A partir de três eixos centrais: proximidade, diálogo e ternura. Abertos aos outros, para aprender deles e respeitá-los sempre, guiados pelo Amor que quer sempre o bem do outro.

*Uma mística de olhos abertos, comprometida com as necessidades do mundo e das pessoas:* A mística dos olhos abertos não se dirige a um Deus distante: ela vive na consciência de estar continuamente diante dele<sup>32</sup>. A internet, bombardeando-nos continuamente com uma avalanche de dados e informações, impede-nos de viver uma espiritualidade intimista e desencarnada. Recuperamos, assim, a centralidade do Mistério da Encarnação, com tudo o que significa de cuidado, de entrega amorosa, de desejo de Salvação!

“O mistério da Encarnação nos convida a “olhar” nossa terra cotidiana, nossa humanidade, fragilidade, paixões, sentimentos, fracassos, imperfeições... Deus se encontra misturado com tal realidade, salvando-a. Em Jesus, Deus não só se fez homem, senão *homem pobre e humilde [...]* Na proximidade contemplativa dos pobres e humilhados encontramos os *nomes e verbos* nos

32 José Tolentino Mendonça, *A Mística do Instante. O tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas 2016, 30.

quais Deus falou em Jesus e onde continua nos falando hoje. Em Jesus encarnado encontramos a pobreza e a humildade de Deus, ao lado de muitas existências pobres e humilhadas”<sup>33</sup>.

Como afirma o papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

*“Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura”<sup>34</sup>.*

*Conduzidos pelo Espírito, vivendo sempre no risco de Deus, o Espírito Santo é o gerador de novos equilíbrios e é, por isso desconcertante, surpreendente. É assim que ele nos abre a uma nova sabedoria, a um novo entendimento, a uma nova gestualidade, a uma nova poética<sup>35</sup>.*

*Místicos conectados e promotores de novas conexões: Não podemos nos eximir hoje de uma tarefa que se coloca para toda a Igreja de hoje: ser criadora de novos espaços de conexão onde todos possam se aproximar e enfrentar*

suas perguntas mais graves numa atmosfera que permite construir relações mais profundas e de comunhão<sup>36</sup>. Não basta estarmos sempre conectados e cientes de tudo o que está acontecendo. É preciso sermos promotores de novas conexões, sem perder a riqueza da experiência religiosa que recebemos da Tradição da Igreja e da Sagrada Escritura e celebramos com o coração agradecido.

33 Alfredo Sampaio Costa, *Encarnação: Deus se inclina e assume nossa humanidade*, Itaici 96 (2014) 62-63.

34 Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* n.270.

35 José Tolentino Mendonça, *A Mistica do Instante*, 49.

36 Antonio Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*, 81.

## SENTIDO HUMANO E RELIGIOSO DA FECUNDIDADE NA VIDA CONSAGRADA

IRMÃO AFONSO MURAD, FMS

### Resumo

A fecundidade pressupõe florescer, ou seja, deixar aflorar e desenvolver as potencialidades humanas. Com esta inquietação, o artigo revela o valor da fecundidade como obra da criação. Ninguém é igualmente fértil, proativo, criativo, inovador e realizador em todas as dimensões que constituem o humano. O fenômeno da absolutização da produtividade, real ou aparente, em detrimento da fecundidade, atinge a Vida Religiosa. As manifestações mais visíveis são o individualismo, a busca de projetos pessoais, a luta pela conquista de poder na

instituição e o afastamento dos pobres e frágeis, pois eles “não dão resultado”.

Palavras-chave: *fecundidade, produtividade, criação.*

### Introdução

A palavra “fecundidade” ou “fertilidade” apresenta diferentes sentidos e se presta a muitas interpretações. Na agricultura, significa a capacidade de uma planta de produzir os alimentos que precisamos (frutas, verduras, legumes, cereiais). Na criação de animais, refere-se à

aptidão para se reproduzir. A fecundidade das aves e dos mamíferos domesticados deriva da potência de um casal de animais para produzir descendentes que serão úteis para auxiliar o ser humano, fornecer-lhe leite para a produção de lácteos (como manteiga, queijo e iogurte) ou lhe servir de alimento. Se o solo é fértil, pois contém muitos nutrientes, e as plantas e animais são fecundos, haverá abundância e fartura.

A fecundidade das plantas, dos peixes e dos animais são fundamentais para manter a biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas. Como nos recorda o Papa Francisco na *Laudato Si*, cada criatura e toda a criação tem valor em si mesmos, e não simplesmente por aquilo que nos serve (LS 69).

No campo humano, a fecundidade se aplica a nível primário à capacidade do homem e da mulher de garantirem a continuidade do núcleo familiar e da nossa espécie, ao gerar e cuidar dos filhos. Do ponto de vista figurativo, “fecundidade” refere-se à criatividade em vários âmbitos da existência. Basta lembrar da produção intelectual, de escritos técnicos ou poéticos; e da criação nas várias esferas da arte, como pintura, escultura, canto e artes cênicas. Admiramos as pessoas criativas, que nos fascinam com expressões da beleza

e a elaboração do conhecimento. Também, a criatividade reporta à habilidade inventiva de encontrar soluções originais para os problemas humanos, do ponto de vista científico, técnico, econômico, social ou político. Para além da questão biológica, a fecundidade humana concerne à inspiração e a posterior transformação de uma ideia em prática, produto ou serviço, que servirá à pessoa e à coletividade.

## ***O desvio: da fecundidade para a produtividade***

A modernidade (científica e cultural) provocou uma mudança nas práticas e na concepção de fecundidade. Baniu a ideia tradicional que os casais deveriam ter filhos de forma espontânea. Aprimorou diversos métodos contraceptivos. Assim, a fecundidade biológica deixou de ser algo “natural” e se transformou numa opção do casal, que habitualmente gera menos filhos do que no passado. Ao mesmo tempo, surgiram vários procedimentos médicos para viabilizar a procriação de quem era considerado “estéril”, ou apresentava poucas possibilidades de conceber filhos. Atualmente, já se conhece com antecedência o sexo biológico e até elementos de DNA dos fetos.

Em ambiente de trabalho, fecundidade se traduz por “produtividade”. No mundo empresarial, há metas a alcançar e elas devem ser perseguidas de forma prioritária, mesmo que isso leve à perda da saúde física e psíquica dos funcionários. Para os trabalhadores operacionais, estabelecem-se metas quantitativas. Para os gestores, acrescentam-se metas qualitativas de lucratividade e de inovação.

A tecnociência levou ao extremo o mote da “produtividade”, reduzindo as plantas e os animais a coisas. Se alguém visita uma granja de galinhas, sentirá que está como numa fábrica, semelhante àquela caricaturada por Charles Chaplin em “Tempos Modernos”. As aves, em espaços exíguos, são submetidas a condições extremas de alimentação, iluminação e calor para produzir ovos ou carne de forma padronizada, no menor tempo possível. O mesmo acontece em uma grande plantação de grãos. Tudo é uniforme e padronizado. A fertilidade do solo é substituída pelos adubos químicos. A proteção natural do ecossistema, pelos agrotóxicos. O ciclo das chuvas, pela irrigação artificial. A potência germinativa das sementes crioulas, por sementes produzidas em laboratório, estéreis e transgênicas. A paisagem bela, diversificada e resiliente foi destruída e em

seu lugar medra a monocultura monótona e frágil.

Em suma, tanto para o ecossistema quanto para as pessoas, a fecundidade perdeu seu valor simbólico, poético, gratuito, de graça e mistério, e se atribui como um mero resultado da ação humana. Visa resultados imediatos e almeja o controle total das variáveis. Degenerou-se em eficácia. Para a sociedade do mercado, importa suscitar nas pessoas e nas instituições o crescente desejo de crescer, conquistar, vencer, produzir e consumir.

Essa ideologia doentia contagiou a religião. Cada vez mais se multiplicam “as religiões do mercado”. Lentamente, abandona-se o núcleo clássico da experiência religiosa, que é o encontro com um sentido que “religa” a pessoa, a sociedade, a natureza e Deus. Em vez de cultivar os grandes valores universais como a cooperação, o cuidado com o outro, a sobriedade, a cultura da paz, promove-se a religião do sucesso individual, da vitória, da prosperidade, da auto-satisfação e da intolerância.

O fenômeno da absolutização da produtividade, real ou aparente, em detrimento da fecundidade, atinge a Vida Religiosa. As manifestações mais visíveis são o individualismo, a busca de projetos pessoais, a luta

pela conquista de poder na Instituição e o afastamento dos pobres e frágeis, pois eles “não dão resultado”. No campo da mística, em lugar do silêncio, da contemplação, do louvor gratuito e do exercício da entrega a Deus, crescem o formalismo ritual, a ênfase na aparência, as orações mecânicas e a reflexão intelectualizada.

## **Redescobrir o sentido da fecundidade**

Do ponto de vista antropológico, a fecundidade apresenta vários aspectos, e isso constitui sua originalidade. Ninguém é igualmente fértil, proativo, criativo, inovador e realizador em todas as dimensões que constituem o humano. Como já dissemos, o âmbito básico da fecundidade está relacionado com a procriação e a educação dos filhos. Mas não se esgota aí. Nós conhecemos pessoas que são generosas, bondosas, desprezadas, amorosas, capazes de ouvir e de dialogar. Dedicam-se de corpo e alma a uma causa, a ponto de renunciar a outras possibilidades de sua existência. Essa é a dimensão ética da fecundidade humana, que nos constitui como seres de relação, uns com os outros. Em chave teológica, este aspecto é fundamental, pois visibiliza a sintonia

com o Deus da Vida. Como diz o apóstolo: “Ninguém jamais viu Deus. Se nos amamos uns aos outros, Deus está conosco, e o seu amor se realiza plenamente entre nós” (1 Jo 4,12).

A caridade/solidariedade é o grande critério da fecundidade humana, segundo a mensagem de Jesus (Mt 25,31-40). Nossos fundadores e fundadoras foram movidos por uma grande sensibilidade ao sofrimento dos pobres e necessitados. Além das suas atitudes pessoais, constituíram um grupo de seguidores e com eles concretizaram iniciativas tais como escolas, hospitais, casas de acolhida, orfanatos, asilos, paróquias e centros sócio-educativos. O gesto se fez processo, ganhou corpo na história, transformou-se em frutos. No atual momento histórico, mais do que nunca, a fecundidade se evidencia em atitudes, gestos pessoais e comunitários e processos institucionais de promoção do Bem Comum. Um percentual crescente da humanidade, globalizada pelo mercado capitalista e pelas redes de comunicação virtual, padece de solidão, de falta de sentido para viver, de falta de acesso aos bens comuns e da degeneração do meio ambiental.

É necessário mostrar que o estilo de vida moderno, centrado na busca de crescimento frenético nos torna estéreis de amor e afeto. Não

Nossos fundadores e fundadoras foram movidos por uma grande sensibilidade ao sofrimento dos pobres e necessitados. Além das suas atitudes pessoais, constituíram um grupo de seguidores e com eles concretizaram iniciativas tais como escolas, hospitais, casas de acolhida, orfanatos, asilos, paróquias e centros sócio-educativos. O gesto se fez processo, ganhou corpo na história, transformou-se em frutos.

mais filhos e jardineiros da Terra, e sim dominadores e saqueadores (LS 1-2). O mundo da produtividade ilimitada, do consumo crescente, da busca incessante de visibilidade dos egos é estéril como as sementes transgênicas e os ovos de galinha de granja. Mesmo que seja muito produtivo.

Precisamos de “figuras referenciais” e “grupos referenciais” para ajudar a romper essa lógica perversa da produtividade sem fecundidade. São pessoas e grupos que testemunham o amor solidário, fecundo e criativo; que atraem mais pessoas para participar em redes colaborativas e solidárias. Ou a Vida Religiosa entende isso e redimensiona sua presença e atuação, ou perderá lentamente o significado no

mundo contemporâneo. Jesus nos alerta: “Vocês são o sal da Terra e a luz do mundo. Se o sal perde o seu sabor, para que servirá? (cf. Mt 5,13s)”

A sensibilidade à dor dos outros acrescida aos processos de caridade/solidariedade, juntam-se outras dimensões da fecundidade humana. Elas não podem ser consideradas como concorrentes, e sim como constituintes de um grande ninho, espaço acolhedor para a humanidade resgatar seu poder co-criador. Dentre essas várias dimensões, destacamos aqui a arte nas suas diversas formas de criação e execução. Por que ela mostra que a razão instrumental, que produz resultados tangíveis, necessita se equilibrar com a razão cordial (do coração), como diz Leonardo Boff? Evidenciamos ainda que a fecundidade humana inclui toda a gama de conhecimentos teóricos e práticos, clássicos e da tecnociência, que visam solucionar problemas da humanidade e garantir a sustentabilidade ambiental, econômica e cultural.

Quanto mais o ser humano adentra na sua interioridade e reverencia o mistério inesgotável das pessoas, da natureza e do cosmos, mais se abre para o Transcendente. Nós, cristãos, o nomeamos como a Trindade Santa. O Pai materno, criador, Deus antes de nós. O Filho,

Palavra encarnada, o redentor, Deus conosco. O Espírito Santo, amor do Pai e do Filho, força e vigor que sustenta e renova, Deus em nós. A fecundidade espiritual é o resultado de um longo percurso, de um diálogo salvífico que se estabelece durante toda a vida. Experimentamos que Jesus nos amou primeiro. Tal amor incondicional, gratuito e imerecido nos toca por dentro, intensamente. A graça divina sana e eleva, cura e integra todas as dimensões do humano. E isso não acontece de uma só vez, mas se nutre constantemente, como o orvalho que umedece as folhas tenras, ou a água da chuva que penetra lentamente no solo.

Deus nos fecunda com sua graça. Na oração dos peregrinos que caminhavam para o Templo de Jerusalém, se diz: “Felizes os que encontram em ti a sua força, pois bem dispostos se põem a caminhar. Quando atravessam vales áridos, eles os transformam em oásis, como se a primeira chuva os cobrisse de bênção” (Sl 84,6s). E então, mesmo permanecendo na nossa pobre condição de peregrinos e de pecadores, somos transformados: “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram. Tudo se faz novo” (2 Cor 5,17).

A fecundidade espiritual não se subjeta às leis da eficácia, mas nem por isso se traduz em

passividade ou falta de compromisso com a história. Grandes santos e santas foram também visionários, inovadores, responderam a desafios históricos enormes, empreenderam processos de mudança na Igreja e na sociedade. Eles perceberam sinais de Deus onde os outros nada enxergaram. Deixaram-se iluminar por Ele: “Pois em ti se encontra a fonte da vida e com a tua luz nós vemos a luz” (Sl 36,10). Uma das causas do marasmo que se abateu sobre a Vida Religiosa reside na mediocridade na vida espiritual dos consagrados. Por isso, é preciso revigorar, ao mesmo tempo, a mística (intimidade com Deus) e a profecia (atuação transformadora na realidade, que brota dessa experiência amorosa, com os pés no chão da realidade).

## Um trajeto para ser fecundo

O caminho para redescobrir o sentido humano da fecundidade passa pela poesia, pela analogia, pelo reencantamento com a vida, na sua simplicidade. Tomemos o exemplo das plantas, que nos inspiram a criar um espiral criativo na existência. Consideramos como “espiral”, porque são ciclos que se ampliam, dilatando-se infinitamente.

Nossa imaginação concebe o início do ciclo da vida das plantas com as sementes. Mas

Uma das causas do marasmo que se abateu sobre a Vida Religiosa reside na mediocridade na vida espiritual dos consagrados. Por isso, é preciso revigorar, ao mesmo tempo, a mística (intimidade com Deus) e a profecia (atuação transformadora na realidade, que brota dessa experiência amorosa, com os pés no chão da realidade).

elas já são resultado de um processo que as antecedeu. Nós, os humanos, somos concebidos e gerados como sementes. Cada um recebeu as células haploides de seu pai e de sua mãe, que foram fecundos biologicamente. Na história de vida pessoal, a fecundação não é um mero fator biológico, pois implica afeto, amor e um projeto de vida dos genitores. E junto com elas, a psicologia aponta, herdamos experiências ambíguas de desamor, rejeição e medo.

Devemos remontar aos nossos antepassados. Como nos ensinam os povos originários do continente latino-americano, a ancestralidade nos constitui. Os bisavós, avós, tios, primos, irmãos, sobrinhos e netos tecem uma teia de relações fecundas que envolvem o passado, o presente e o futuro. De forma semelhante,

isso acontece na Vida Religiosa, com a memória dos fundadores e daqueles que nos antecederam, os anciãos, as diversas gerações de consagrados, os formandos e os vocacionados. Fecundidade, nesse caso, refere-se a este laço de continuidade.

No seio do núcleo familiar, encontramos a terra, com diferentes graus de fertilidade, na qual são moldadas as características básicas de nossa psique e de percepção de mundo. Diferentemente das plantas, somos ao mesmo tempo a semente e o solo. Configuramos a nossa personalidade nessas relações formadoras, desde o feto até o final da vida. Temos potencial para superar muitas situações adversas, dramas e feridas, acontecidas na infância, na adolescência e na vida adulta.

É notório, em muitos países, a perda de vigor das novas gerações. Presenciamos a pouca sensibilidade de jovens para reagir, tomar iniciativas e marcar a diferença com atitudes criativa. Absortos várias horas do dia pelo fascínio das telas dos computadores e celulares, enredam-se nos seus problemas existenciais. Falta-lhes o brilho no olhar. Assemelham-se a uns arbustos tropicais, que em terra árida mantiveram-se pequenos, com folhas ressequidas. São as vítimas e o futuro dessa sociedade

estéril. Não estará aí um dos grandes desafios para a missão da Vida Religiosa? Acolher os jovens, ouví-los, ajudar a desenvolver neles o protagonismo, inspirar-lhes atitudes de cuidado com as pessoas e a Terra.

Em vários biomas, a etapa de desabrochar das plantas coincide com a primavera. No hemisfério sul, a primavera desponta no final do setembro. No norte, em maio. É um deslumbrante espetáculo de cores e odores das plantas, que despertam nossos sentidos, atraindo e nos encantando. A primavera também é o tempo privilegiado para várias espécies de pássaros se aninharem, reproduzirem-se e nutrir seus filhotes. Podemos ouvir seu canto, especialmente ao amanhecer e no final do dia.

A partir dessa analogia da primavera, alguns autores e autoras recorrem à imagem do florescimento humano. Tão importante quanto frutificar, é necessário cultivar a alegria, o contentamento, a fruição, a beleza, a gratuidade. Florescer significa desenvolver potencialidades, tomar nas mãos a existência, perdoar e não ficar sempre lamentando as coisas do passado que nos fizeram sofrer. Florescemos ao renovar a esperança e fazer-nos aprendizes da vida. O florescimento humano é simultaneamente pessoal e

É notório, em muitos países, a perda de vigor das novas gerações. Presenciamos a pouca sensibilidade de jovens para reagir, tomar iniciativas e marcar a diferença com atitudes criativa. Absortos várias horas do dia pelo fascínio das telas dos computadores e celulares, enredam-se nos seus problemas existenciais. Falta-lhes o brilho no olhar.

coletivo. No dizer do compositor brasileiro Beto Guedes, na canção “Sol de primavera”:

*Quando entrar setembro e a  
boa nova andar nos campos  
Quero ver brotar o perdão  
onde a gente plantou.*

*Juntos outra vez!*

*Já sonhamos juntos,  
semeando as canções no vento*

*Quero ver crescer nossa  
voz, no que falta sonhar*

*Já choramos muito.*

*Muitos se perderam no caminho.*

*Mesmo assim não custa  
inventar uma nova canção,  
que venha nos trazer  
“Sol de primavera”.*

*Sol de primavera, abre as  
janelas do meu peito!*

*A lição sabemos de cor. Só  
nos resta aprender.*

(<https://www.lettras.mus.br/beto-guedes/44548/>)

A fecundidade pressupõe florescer, ou seja, deixar aflorar e desenvolver as potencialidades humanas. E, a seguir, manifesta-se, em sua plenitude, nos bons frutos que gera e oferece. Florescer e frutificar, eis o perfil ideal do ser humano adulto!

A fecundidade biológica pressupõe a participação de dois parceiros, isso também tem um sentido simbólico. Ninguém é fecundo sozinho, até um grande compositor como Mozart, ou um extraordinário cientista como Einstein se inserem num movimento maior do espírito e do saber humanos.

Nos países ricos do primeiro mundo, acontece uma redução drástica da taxa de natalidade. Esse fenômeno tão complexo sinaliza uma tendência na sociedade ocidental. Por que os casais não querem ter filhos e preferem criar um cachorro ou um gato? Por que renunciam à fecundidade biológica? É verdade que a sociedade e os governos precisam oferecer as condições para que os casais se sintam motivadas a gerar e a educar filhos. Precisamos evitar também uma leitura moralista, como se a recusa à fecundidade biológica tivesse somente uma causa. Mas há algo real: ela pode sinalizar uma tendência egóica de quem se contenta em gozar o presente ao máximo possível.

Para além da questão biológica, a fecundidade humana significa deixar algo de si para a geração presente e futura. Quem é fecundo oferece em herança marcas positivas nas pessoas. Fecundidade é sair de si mesmo. O egoísta não é fecundo, pois pensa somente em si e organiza a vida para responder às suas necessidades e desejos pessoais. Ser fecundo implica fazer renúncias, escolher caminhos, concentrar esforços.

Uma instituição fecunda, de caráter social, educativa ou religiosa, reúne pessoas, recursos e objetivos, visando realizar bem sua missão. Ela tem que constantemente se reinventar para ser fiel ao seu escopo, diante de novos contextos históricos e culturais. O tradicionalismo, em nome da fidelidade ao passado, pode castrar o poder criativo das pessoas e dos grupos humanos. Instituições tradicionais necessitam, de tempos em tempos, podar os galhos e ramos que absorvem a seiva, mas não produzem frutos. Neste sentido, é preciso ouvir o apelo do Papa Francisco para a Igreja:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal destinado mais à evangelização do mundo atual do que a auto-preservação (EG 27).

Somos chamados a frutificar, como consequência de uma opção pessoal, comunitária e institucional pela Vida, em toda a sua extensão (Deut 30,15-20). Frutificar quer dizer: realizar, atuar e difundir o bem. Para a Vida Consagrada, coloca-se, ainda, a tarefa de dar continuidade ao carisma, formando leigos e leigas fecundos.

## **Conclusão: dois exemplos a nos estimular**

Eu era criança e estudava no colégio marista de minha cidade. Lá, conheci um Irmão de origem italiana, chamado Luiz Ângelo, que acompanhava a Casa de Formação de meninos que pretendiam ser religiosos. Anos mais tarde, ele foi enviado para uma área de missão, no interior do país. Viveu como pobre no meio dos pobres. Visitava os doentes, escutava as pessoas e estimulava as lideranças comunitárias. Não se destacava pela organização pastoral, mas impressionava pela piedade e a bondade. Já com idade avançada, foi destinada para o Colégio de Palmas. Era uma presença de irmão junto a alunos, funcionários e professores. Várias vezes ao dia ia à capela e rezava pelas pessoas e com elas. Gostava de compartilhar os artigos que lia nos jornais e revistas religiosas.

Escrevia cartas e bilhetes com mensagens para animar quem estava em crise. Morreu com fama de santidade. Quem o conheceu, conheceu um religioso fecundo, de vida doada aos outros!

Quando eu era jovem, e entrei na casa de formação, conheci o Irmão Aleixo Autran. Homem de inteligência brilhante, estudou teologia, o que não era comum naquele tempo. Depois, especializou-se em mariologia, como auto-didata. Escreveu livros e artigos. Organizou cursos. Editou uma revista de mariologia. Pregou retiros para presbíteros, leigos e consagrados. Promoveu uma série de eventos no ano mariano. Criou um movimento juvenil e acompanhava pessoalmente a cada membro. Diríamos hoje em linguagem empresarial: era um empreendedor de sucesso. Mas nada disso o perturbava ou lhe tirava do foco de sua missão. O que mais me fascinava no Irmão Aleixo era o brilho dos seus olhos. Ele falava de Jesus e de Maria para os jovens numa linguagem que nos cativava. Era um místico, que evangelizava por palavras e gestos. Faleceu antes do tempo, devido a um ataque cardíaco, enquanto animava um retiro. Quem o conheceu, soube o que era um religioso fecundo.

Ao me recordar desses dois religiosos, ecoa em mim a frase

de Heb 12,1-2: “Nós também, cercados por tal nuvem de testemunhas (..) corremos com persistência ao encontro da meta, de olhos fixos em Jesus, autor e realizador de nossa fé”. Que o testemunho de tantos homens e mulheres nos impulsionem a sermos fecundos, no seguimento de Jesus.

### **Bibliografía básica**

PAPA FRANCISCO, Encíclica *Laudato Si*, sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO, Carta Apóstolica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

RIECHMANN, J. *Vivamos bien!* Introdução a: *Como vivir? Acerca de la Vida Buena*. Madrid: Catarata, 2011.

MURAD, A. Felicidade e sobriedade feliz. Uma contribuição para novos paradigmas. In: LESBAUPIN, I; CRUZ, M (orgs). *Novos paradigmas para outro mundo possível*. Rio de Janeiro: Usina, 2019.

# OS VOTOS RELIGIOSOS NA PERSPECTIVA DO SÍNODO PARA A PAN-AMAZÔNIA

2ª parte

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO

## Uma Pobreza Itinerante

Se a obediência não é uma negação da vontade própria, mas, seguindo a Jesus Cristo, renunciar ao próprio querer para fazer sua a vontade daquele que nos chama e envia (Jo 6,38), o voto de pobreza não é uma opção por “ter menos”, mas uma opção por ser mais. Na Exortação Apostólica *Vita Consecrata* (n. 87), o Papa João Paulo II lembrava que os votos não podem ser vistos como “um empobrecimento de valores autenticamente humanos”, no caso da pobreza, do “legítimo desejo de usufruir dos bens materiais”. O voto de pobreza busca “uma transfiguração” que aponta para “Deus como bem absoluto,” tornando-se um caminho não

apenas para a salvação pessoal da/o religioso/a, mas “uma ‘terapia espiritual’ para a humanidade, porque [os religiosos e religiosas] recusam a idolatria da criatura e tornam de algum modo visível o Deus vivo” (PC 87).

No contexto pan-amazônico, a idolatria da criatura da qual o conselho evangélico da pobreza quer ser uma opção de denúncia profética, apresenta-se de duas formas estreitamente interligadas: a exploração dos seres humanos e a destruição da criação. Para neutralizar a dinâmica de uma riqueza que se auto reproduz idolatricamente, é necessário articular ecologia integral e Justiça social:

*Deus nos deu a terra como um dom e como tarefa, para cuidá-la e responder por ela; nós não somos seus donos. A ecologia integral tem seu fundamento no fato de que “tudo está estreitamente interligado” (LS 16). Por isso, a ecologia e a justiça social estão intimamente relacionadas (cf. LS 137). Com a ecologia integral surge um novo paradigma de justiça, uma vez que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). A ecologia integral, assim, conecta o exercício do cuidado da natureza com o da justiça pelos mais empobrecidos e desfavorecidos da terra, que são a opção preferida de Deus na história revelada. (ASSEMBLEIA..., n. 66).*

A afirmação da interdependência entre as duas dimensões é apresentada de forma contundente pelo Papa Francisco

O voto de pobreza busca “uma transfiguração” que aponta para “Deus como bem absoluto,” tornando-se um caminho não apenas para a salvação pessoal da/o religioso/a, mas “uma ‘terapia espiritual’ para a humanidade, porque [os religiosos e religiosas] recusam a idolatria da criatura e tornam de algum modo visível o Deus vivo” (PC 87).

na Exortação Pós-Sinodal (QA 8) quando retoma a afirmação presente na *Laudato Sí* de que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”. (LS 49).

A VRC é convidada a embarcar no “Sonho ecológico” (QA III) do Papa Francisco que convida a uma conversão do estilo de vida, das atividades missionárias e dos investimentos econômicas dos religiosos individualmente e das congregações.

A realização de tal sonho começa com uma transformação no modo como, pessoalmente, relacionamo-nos com os bens materiais. Afinal, a “conversão integral” começa “com uma vida simples e sóbria, toda alimentada por uma espiritualidade mística no estilo de São Francisco de Assis” (ASSEMBLEIA..., 17).

Sobriedade descrita pelo Papa Francisco na *Laudato Sí* e que provoca a VRC de uma maneira instigante ao pensarmos o voto de pobreza:

*Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm,*

*e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece. (LS 223).*

Para desapegar-se do domínio dos bens materiais e viver a sobriedade em sentido cristão, é necessário cultivar uma espiritualidade que possibilite a paz e harmonia interior (ASSEMBLEIA..., n. 81), condição necessária para relacionar-se de uma forma nova com os bens materiais. Só quem consegue “estar em paz consigo mesmo”, num espaço de “paz interior”, pode dispensar a posse doentia de inúmeros e inúteis bens para aparentar uma falsa paz exterior disfarçada de muita ação que acaba por destruir tudo o que vem pela frente (LS 225).

Mas não basta o desapego pessoal. É necessário o compromisso com a defesa da vida que implica em uma profunda conversão social e estrutural. Na

Mas não basta o desapego pessoal. É necessário o compromisso com a defesa da vida que implica em uma profunda conversão social e estrutural.

nossa relação com os bens materiais, precisamos “desaprender, aprender e reaprender”. Em primeiro lugar, desaprender as noções – conscientes ou inconscientes – inculcadas pela ideologia dos “modelos colonizadores que causaram tantos danos no passado”. Colonialismo “que está presente em nossas decisões cotidianas e no modelo de desenvolvimento predominante, expresso no crescente modelo agrícola de monocultura, em nossos modos de transporte e no imaginário do bem-estar a partir do consumo que vivemos na sociedade, que tem implicações diretas e indiretas na Amazônia” (ASSEMBLEIA..., n. 81).

No segundo passo, o do aprender, podemos, com o Documento Final, elaborar uma lista de pontos práticos para viver a pobreza em sintonia com a proposta do Sínodo:

- a) proteger a terra;
- b) mudar nossa cultura de consumo excessivo;
- c) reduzir a produção de resíduos sólidos, estimulando o reaproveitamento e a reciclagem;

- d) reduzir a nossa dependência dos combustíveis fósseis e uso de plásticos;
- e) alterar nossos hábitos alimentares (consumo excessivo de carne e peixe/mariscos);
- f) comprometer-se ativamente no plantio de árvores;
- g) buscar alternativas sustentáveis na agricultura, energia e mobilidade que respeitem os direitos da natureza e os povos;
- h) promover a educação para ecologia integral em todos os níveis;
- i) implementar novos modelos econômicos e iniciativas que promovam uma qualidade de vida sustentável. (ASSEMBLEIA..., n. 84).

Todas iniciativas factíveis e que, podemos dizer com louvor, já estão sendo postas em práticas por muitas comunidades religiosas.

Por fim, precisamos reaprender com os povos indígenas da Amazônia a passar da cultura do consumo (LS 203) à

*autêntica qualidade de vida como um 'bem viver', que implica uma harmonia pessoal, familiar, comunitária e cósmica e manifesta-se no seu modo comunitário de conceber a existência, na capacidade de encontrar alegria e plenitude numa vida austera e simples, bem como no cuidado responsável da natureza que preserva os recursos para as gerações futuras. (QA 71).*

“Bem viver” que incluir a “sobriedade feliz”, o “ser feliz com pouco” e, com a diminuição do consumo, não destruir sem necessidade, preservar os ecossistemas e reconhecer “que a terra, ao mesmo tempo que se oferece para sustentar a sua vida, como uma fonte generosa, tem um sentido materno que suscita respeitosa ternura.” (QA 71).

Numa dimensão mais ampla, tal opção permite compreender a pobreza como compromisso com a construção de uma economia e um modelo de desenvolvimento que respeite as pessoas, especialmente os mais pobres, e toda a criação. Uma economia centrada na pessoa e no cuidado da natureza. Nesse modelo de desenvolvimento, os critérios comerciais não podem estar acima do ser humano e da natureza (ASSEMBLEIA..., n. 73)

Aqui, mais uma vez, poderíamos fazer das indicações da Assembleia Sinodal um programa de atuação da VRC (ASSEMBLEIA..., n. 73):

- a) apoiar uma cultura de paz e respeito - não de violência e ultraje - e uma economia centrada na pessoa e que também cuide da natureza;
- b) gerar alternativas de desenvolvimento ecológico integral a partir das cosmovisões construídas com as comunidades,

resgatando a sabedoria ancestral;

- c) apoiar projetos que proponham uma economia solidária e sustentável, circular e ecológica, tanto a nível local como internacional, no âmbito da pesquisa e no campo de ação, nos setores formal e informal;
- d) sustentar e promover experiências de cooperativas de bio-produção, de reservas florestais e de consumo sustentável.

Com essa reaprendizagem pessoal e institucional, a vivência do conselho evangélico de pobreza deixa de ser apenas uma opção ascética que, muitas vezes, beira ao pelagianismo ou gnosticismo, e passa a ter dimensões estruturais tanto na convivência entre os humanos como na relação de nossa espécie com as outras criaturas de Deus.

Evidente que tal opção provoca uma ruptura com o sistema econômico dominante na sociedade e, em muitos casos, na própria Igreja. Mas ela é condição necessária para uma “Igreja em saída” e uma “vida religiosa consagrada em saída”. Só se põe a caminho aquele/a que, sentindo-se chamado pelo amor de Deus, já não se sente preso às amarras econômicas deste mundo e se lança no caminho da Evangelização: “Jesus nos indicou, a nós seus discípulos, que a nossa missão

no mundo não pode ser estática, mas é *itinerante*. O cristão é um itinerante” (FRANCISCO, *Angelus*, 30.06.2019, apud ASSEMBLEIA..., n. 21).

Na “vida religiosa em saída”, a pobreza tem como consequência ineludível a itinerância, ou seja, a capacidade de desapegar-se das realidades, pessoas e estruturas que nos dão segurança. Como bem o experimentou e expressou Francisco de Assis, o ser *mendicante* é consequência do ser *itinerante* por causa do Evangelho. Só é capaz de colocar-se numa “dinâmica de saída” aquele que é capaz de desapegar-se do local/pessoas/instituições nas quais se sente confortável e, sem levar sacolas de viagem, nem túnica de reserva ou um segundo par de sandálias (Mt 10,10), põe-se a caminho para anunciar e testemunhar a boa nova de uma sociedade em que os bens sejam partilhados e a criação respeitada.

Itinerância que, no contexto amazônico e de toda a América Latina, não é algo extraordinário. Pelo contrário, os movimentos migratórios massivos, frutos, em grande parte, da pobreza estrutural a quem estão submetidos os povos do continente, são uma das características que, assombrosamente, retomam e se ampliam em nossos tempos. Para atender estes milhões de homens e mulheres em deslocamento

dentro do território de um país ou de um país para outro, o Papa Francisco, na Exortação Pós Sinodal, retomando o indicado no *Instrumentum Laboris*, insta a “apoiar a inserção e a itinerância dos consagrados e consagradas ao lado dos mais desfavorecidos e excluídos.” (QA 98).

Desafio que não pode ser assumido exclusivamente por este ou aquele religioso, esta ou aquela congregação. É uma ação que precisa “reunir vários carismas, instituições e congregações, leigos, leigas, religiosos e religiosas, sacerdotes”, em verdadeiros projetos intercongregacionais amplos que possibilitem “chegar juntos onde não podemos fazê-lo sozinhos” (ASSEMBLEIA..., n. 39).

Os migrantes, com os quais somos convidados a ser itinerantes, são um dos tantos velhos e novos rostos dos pobres que, na tradição de Medellín, Puebla e Santo Domingo, o Documento de Aparecida (DAp 407-430) afirma que vemos neles refletido o rosto de Jesus Cristo. Assumir quotidianamente a condição de miséria nos seus muitos rostos e contra ela lutar para que a dignidade humana seja restabelecida em cada homem e em cada mulher deste continente, é o grande desafio para a vivência do voto de pobreza.

Tal convocação pode ser vivida em duas dimensões: “A autêntica opção pelos mais pobres e

Os migrantes, com os quais somos convidados a ser itinerantes, são um dos tantos velhos e novos rostos dos pobres que, na tradição de Medellín, Puebla e Santo Domingo, o Documento de Aparecida (DAp 407-430) afirma que vemos neles refletido o rosto de Jesus Cristo.

abandonados, ao mesmo tempo que nos impele a libertá-los da miséria material e defender os seus direitos, implica propor-lhes a amizade com o Senhor que os promove e dignifica.” (ASSEMBLEIA..., 63).

Na *Evangeli Gaudium*, depois de assinalar a fundamentação teológica e as consequências eclesiológicas da opção pelos pobres, o Papa Francisco assinala que eles são o caminho para a salvação e, esse caminho, passa pela proximidade e amizade com os pobres:

*É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. (EG 198).*

Proximidade que não se fecha no círculo dos que circulam ao nosso

redor. Pelo contrário, a partir da realidade das pessoas com quem convivemos e por causa delas, é capaz de articular todas as forças que sintonizam com essa causa numa rede de solidariedade ampla, tanto eclesial como social (ASSEMBLEIA..., n. 68).

Por fim, um lembrete sempre importante para os religiosos e religiosas que passam suas horas e seus dias envolvidos em mil tarefas. O Papa lembra que a lógica capitalista “tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril ou do inútil, esquecendo que deste modo se tira à obra realizada o mais importante: o seu significado” (QA 83). Para superá-la, é preciso

desenvolver uma espiritualidade cristã capaz de integrar o valor do repouso e da festa, do receptivo e do gratuito.

O descanso dominical e, nele, a liturgia comunitária, ao lado das tradições festivas dos povos originários, são inspiração para que a espiritualidade da gratuidade e da convivência possam manter o religioso e a religiosa distantes da tentação do lucro e do individualismo. Afinal, nós não temos aqui nossa casa definitiva (2 Cor 5,1-4). E, como diz a sabedoria popular, nós religiosos e religiosas também precisamos ser lembrados de que “mortalha não tem bolso” e “caixão não tem cofre”.

**Obs: Continua na próxima edição.**

Fonte: Google



# CRISE NA VIDA CONSAGRADA E AS CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO ADI/TIP

PRISCILA GARCIA SILVA<sup>1</sup>

## Resumo

A vida consagrada, como seguimento radical de Jesus Cristo na vivência dos conselhos evangélicos, busca construir com a própria vida a civilização do amor. A pessoa consagrada, porém pode ser atravessada por crises que fragilizam sua vocação. Encontrar espaço favorável para enfrentar a crise pode oportunizar o fortalecimento de sua vocação ou o discernimento saudável para deixar a consagração. Pretende-se com este artigo aumentar a compreensão e ressignificação

da experiência da crise por meio da Psicologia, com o Método ADI/TIP. Ao encontrar-se com seu Eu-Pessoal e identificar em si sua inteireza e liberdade para decidir sobre a própria vida, a pessoa pode acolher a crise reposicionando-se.

*Palavras-chave:* Crise, Vida Consagrada, Psicologia, Método ADI/TIP

Pretende-se com este artigo aumentar a compreensão e ressignificação da experiência das crises na Vida Consagrada (VC) por meio da Psicologia, especificamente com o Método da Abordagem Direta do Inconsciente/Terapia de Integração Pessoal (Método

<sup>1</sup> Psicologia (PUC-Minas). Pós-graduada na Abordagem Direta do Inconsciente (ADI) FUNDASINUM / CMMG. Missionária Leiga CdC. E-mail: prii.psi@gmail.com.

ADI/TIP). A Vida Consagrada é entendida “a partir de três elementos estruturantes: experiência fundante de Deus, vida comunitária e missão”, como salienta João Batista Libânio, sacerdote e escritor (Libânio, 2005).

Ao enfrentar e re-significar a crise, a pessoa pode viver um segundo chamado ou deixar a consagração de forma serena ao descobrir os valores constitutivos do ser humano e os viver, ocupa seu lugar no mundo, tomando decisões coerentes com sua liberdade interior. Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra austríaco, afirma que “não há dúvida de que o amor-próprio, quando ancorado em áreas mais profundas, espirituais, não pode ser abalado...” (Frankl, 2018, p. 84), dando à pessoa uma característica específica de responsabilidade pelos próprios atos e decisões. Afinal, “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido” (Frankl, 2018, p. 89).

É possível reconhecer que crises vocacionais podem estar relacionadas a problemas ligados aos elementos constitutivos do caminhar vocacional: a escolha, o amor, o reconhecimento de si mesmo e do outro como ser sagrado. Mas como fica esse

reconhecimento se houve rupturas na constituição do ser a partir de vivências destrutivas com os primeiros referenciais afetivos desde a mais tenra infância?

A possibilidade de constituição de si mesmo como alguém integrado em todas as suas dimensões se dá no espaço privilegiado da comunidade, inclusive a familiar, no exercício da vivência do eu com o tu. Para Claudio García Pintos, psicólogo argentino, “o tu é uma espécie de chamador que convoca o meu eu, que grita ‘fulano!’, para que saia e se realize” (Pintos, 2017, p. 20). A comunidade possibilita que o “eu” seja convocado pelos “tus,” mostrando-se em sua totalidade, livre das máscaras sociais construídas na busca autêntica e coerente com a vida cristã, sendo si mesmo. O consagrado sabe-se amado e convidado por Deus a acolher e viver este amor numa transformação de si em atos concretos reveladores do rosto divino. Deus chama primeiro e livremente o sim humano é dado. Segundo Amedeo Cencini, sacerdote italiano e doutor em psicologia,

*nós cristãos sabemos que AMOR é o nome de Deus (cf. 1 Jo 4,8), e uma vez que cremos que fomos criados por Ele à sua imagem e semelhança, amor é também o nosso nome, ou seja, é aquilo que nós somos e aquilo que nós somos chamados a ser, a nossa identidade e a nossa*

É possível reconhecer que crises vocacionais podem estar relacionadas a problemas ligados aos elementos constitutivos do caminhar vocacional: a escolha, o amor, o reconhecimento de si mesmo e do outro como ser sagrado.

*vocação. (...) é a voz que chama e ao mesmo tempo o ideal que nos atrai, é a verdadeira motivação e finalidade do chamado sacerdotal e religioso, ou o 'lugar' no qual se realiza uma tal vocação" (Cencini, 2009, p. 92).*

Considerando que o ser humano aprende a amar e a expressar amor nos primeiros vínculos estabelecidos com os pais, primeiros referenciais humanos, como fica isso em contextos desfavoráveis de violência, agressão, indiferença e frieza afetiva?

A essência e a verdade do ser não se perdem porque há a experiência primária de ser amado por Deus em sua constituição. Os caminhos trilhados, mesmo que sofridos, encontram possibilidades; todavia, estas podem ser, por vezes, equivocadas, por não serem realizadoras da existência irrepitível de cada um. Além disso, consagrar-se também é decidir-se pela pobreza, obediência e castidade, e isso pode ser problemático para quem já carrega o peso de não ter se sentido amado e valorizado como ser em meio

a uma sociedade que ostenta a posse e a aparência como chave para ser bem-visto e amado; do mesmo modo, é uma sociedade que apregoa: a liberdade desgraçada, que parece ocupar o lugar da autonomia, o auto-centrismo, ao invés da autotranscendência, a facilidade e a banalização do sexo e dos afetos, tomando as vezes do amor não experienciado. Para Cencini:

*Uma genuína opção pelo celibato (...) deriva da consciência de ter recebido um dom, um dom que não é só o amor, mas a capacidade de partilhá-lo. Seria totalmente inautêntica a decisão de abraçar a virgindade por causa do reino que não nascesse na terra fecunda da gratidão, da consciência psicológica do dom." (Cencini, 1997, p. 47).*

O esquecimento ou afastamento deste dom do amor pode desembocar numa crise entendida como "consciência de uma não correspondência entre o eu ideal e o eu atual, que pede uma escolha ou uma conversão sobre um ponto bem preciso da personalidade, para um novo equilíbrio de relação entre o ideal e conduta de vida, uma nova definição do eu" (Cencini, 2009, p. 23). Na busca de tornar-se pessoa (Pintos, 2017) e nessa incongruência entre o eu ideal e o eu atual (Cencini, 2009), a pessoa pode perder-se em dúvidas vocacionais. Mas a crise em si não é um caos destruidor, pois a postura da pessoa pode

levá-la ao precipício, ou a possibilidades de enfrentamento e saída para compreender a si e a quem lhe causou dor e sofrimento, transformando-se e curando suas feridas emocionais.

Neste contexto, quais crises pode um consagrado viver? João Paulo II (1920-2005) sinaliza que cada fase pode revelar traços críticos específicos

*os primeiros anos da inserção plena na atividade apostólica (...): fase crítica por natureza, porque marcada pela passagem de uma vida guiada a uma situação de plena responsabilidade operante. (...) A fase sucessiva: (...) risco da habituação e a consequente tentação da desilusão pela escassez dos resultados. (...) A fase da idade madura (...) perigo de um certo individualismo, acompanhado quer pelo temor de já não estar adaptado aos tempos, quer por fenômenos de endurecimento, insensibilidade e relaxamento. (...) A idade avançada: (...) afastamento progressivo da atividade e, em alguns casos, a doença e a forçada inatividade. (...) Independentemente das várias fases da vida, cada idade pode conhecer situações críticas devido à intervenção de factores externos — mudança de lugar ou de serviço, dificuldades no trabalho ou insucesso apostólico, incompreensão ou marginalização, etc. — ou devido a factores mais estritamente pessoais — doença física ou psíquica, aridez espiritual, lutos, problemas de relacionamento interpessoal, fortes tentações, crises de fé ou de identidade, sensação de inutilidade, e outros semelhantes. (JOÃO PAULO II, 1996)*

Já Libânio (2005)<sup>2</sup> fala sobre os impactos contemporâneos na vida religiosa e aponta: 1. Medo da liberdade e responsabilidade. 2. Perda da consciência histórica e ética. 3. Contexto neoliberal e midiático. 4. Confusão entre vocação e profissão. 5. Falibilidade das Instituições. 6. Pós-modernidade fluida na VC. 7. Retorno da exterioridade. 8. Desgaste da VC clássica e enfrentamento com as novas formas de VC.

Tanto Libânio (2005) quanto João Paulo II (1996) revelam nuances importantes na crise na VC. Porém, há alguma de maior impacto? Andreoli (2010) afirma que a principal crise vivida em situação de consagração é a de fé. Uma pessoa que decide pela VC proclama com a própria vida a fé que segue e encontrar-se em uma crise neste quesito, é tirar-lhe o combustível com o qual se alimenta.

Todavia, a crise de fé pode não se originar na perda de fé no divino ou no sagrado, mas no sagrado que existe em si e que revela a capacidade de amar autenticamente. Descrença que pode decorrer da perda de confiança no amor não vivenciado com as pessoas mais significativas para si.

Porém, não se deve esquecer que é a vivência autêntica do

<sup>2</sup> Recomenda-se a leitura completa da conferência pronunciada pelo autor para aprofundamento do tema.

amor originário que possibilita a decisão livre de consagrar-se, vivência esta capaz de dar esperança e motivação para reconstruir os sentidos distorcidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, configurados em cima de feridas do passado.

Nesse âmbito, ensina-nos Frankl: “se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma” (Frankl, 2018, p. 90). Essa consciência do dom do amor a ser vivido e partilhado, apesar do sofrimento, e, às vezes até por causa dele, é característica chave para se compreender a consagração, como igualmente afirma a psicóloga e pesquisadora clínica Renate Jost de Moraes (1936-2013):

*(...) o Amor (...) é o próprio sopro da vida. É a força vital que nos chama à existência e nos dá sentido. Ele é constitutivo, sempre. Ultrapassa o nível sensível e se localiza na ‘pessoalidade’ ou na ‘espiritualidade’. Sua dimensão é infinita e sua Fonte vem do Absoluto (Renato Jost de Moraes, 2007, p. 401).*

Sem alimentá-lo, o sopro de vida pode ser abafado e gerar escolhas equivocadas e até o abandono de uma vocação autêntica. Corroborando com essas colocações, também afirma Cencini: “todo ser humano, pelo simples fato de existir, e

qualquer que tenha sido a sua experiência passada, foi amado e, portanto, é chamado a amar, é objeto e sujeito de benevolência, recebeu um amor que o habilita a amar” (Cencini, 1997, p. 14).

Nesse contexto, porém, devemos perguntar: Seriam as comunidades espaços favoráveis para o desenvolvimento desta capacidade inata do ser humano de amar? A resposta nos é dada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): “A morada de Deus no coração de cada formando tem a comunidade como mediação. Tal fraternidade está baseada na comunhão com Cristo, despertando a consciência de uma comunidade de fé e de amor, a partir de uma mesma vocação” (CNBB, doc. 93, 2010, n. 213).

A vida comunitária pode ser um desafio ou um estímulo para o desabrochar do eu. Porém, quanto mais coerente com sua essência, mais acolhedora a pessoa será com os desafios, reconhecendo a comunidade como mediadora entre a pessoa e Deus, sabendo-se pertencente à mesma. Conforme afirma Pintos:

*Uma das mais básicas necessidades da pessoa é pertencer, ser de alguém. Não é por um capricho que a etimologia da palavra ‘vínculo’ seja ‘estar atado’, porque o homem (telescópio) plenifica o seu ser pessoal ‘atando-se’ A ALGO OU ALGUÉM. Assim, uma vez atado, o pertencimento está estabelecido.*

*(...) ainda soando paradoxal, nessa atadura, a pessoa se libera (Pintos, 2017, p. 109).*

A centralidade da vida da pessoa consagrada está no Cristo e não nas fragilidades das relações humanas, pontes de encontro com Deus. Para Pintos (2017, p. 116) “todos nascemos ‘seres humanos’ e somos chamados pela tarefa ou pelo desafio de nos realizar como ‘pessoa’. De modo tal que, entre meu ‘ser homem’ e meu ‘tornar-me pessoa’, transcorre a minha existência”.

Mas, se a pessoa é criada por Deus, é chamada a amar porque vivenciou o Amor autêntico, decidiu livremente pela consagração, porque entra em crise? A resposta nos chega por meio do relato de um paciente quando questionado terapeuticamente pela Dra. Renate Jost de Moraes:

*(...) na fonte lá do Infinito somos um-todo no Amor (...) E o ser humano (...) só será feliz se conseguir viver esse Amor. Mas só é possível vivê-lo se continuar o ‘abastecimento’ na fonte desse Amor... Aí está o grande problema humano, todo o sofrimento resumido numa só palavra: o ser humano esquece de abastecer-se na Fonte do Amor... Por isso não consegue viver o Amor como deve e como quer!” (Jost de Moraes, 2007, p. 403).*

O ser humano pode fazer de sua vida um constante ir e vir à

Fonte ou ignorá-la enchendo-se de fontes que não saciam ou de si mesmo. Alimentar-se da Fonte do Amor é mais que a observância de regras comunitárias, é esvaziar-se de si mesmo revelando o rosto de Deus que o chamou e amou primeiro e para quem o consagrado verte suas energias, tristezas, potencialidades, enfim, todo o seu ser. Ao sair de si e ir ao encontro do outro, o desabrochar de si mesmo acontece e deságua no encontro com o Absoluto. Ao fechar-se, o vazio se instala e provoca um desvio do sentido primário de vida, ser quem se é, instaurando feridas profundas porque desaloja o habitante primordial de sua morada, o Amor. Nesse âmbito, pergunta-se: como fica o consagrado ao perceber-se despojando de si o próprio Amor? Quais as raízes desse sofrimento? E como ajudá-lo a reencontrar-se com seu eu original livre e único aberto a amar e se deixar amar?

Perguntas inquietantes que tocam no cerne da constituição humana em sua tridimensionalidade: corpo, psiquismo e espírito, apresentados por Stein (2002) respectivamente como corpo próprio que possibilita o contato por meio do sensível; reino das emoções, impulsos e reações; e dimensão da liberdade, da vontade, do querer e das motivações. No centro da dimensão espiritual está o núcleo

pessoal que coordena todas as outras. O ser se preenche de forma particular o que garante sua unicidade, âmbito do sagrado que o faz responsável por sua autoconfiguração, capacitado a ser si mesmo ou seu exato contrário.

Essa já era a convicção profunda de Jost de Moraes quando se perguntava sobre a origem do sofrimento psíquico. Por que a pessoa, mesmo desejando o bem, escolhe caminhos que não a realizam? Buscando resposta a perguntas como essa, começou a desenvolver o método da Abordagem Direta do Inconsciente/Terapia de Integração Pessoal (ADI/TIP), em 1975, por meio de pesquisa empírico-clínica e experimental com seus pacientes acessando, sem interpretações, os conteúdos puros revelados pelo próprio inconsciente, intuindo que o sofrimento era a expressão máxima de um sofrimento no núcleo do ser.

## Método ADI/TIP

Ao longo dos anos de desenvolvimento do Método ADI/TIP, Jost de Moraes manteve o propósito de colaborar com a harmonização do “homem interior e (a) plenificação do seu ser entendendo que se cada pessoa descobrisse em si sua verdade original, seria possível pensar uma: humanidade (que) (re)

encontre o (seu) processo de “reumanização” (Jost de Moraes, 2016, pp. 23-24).

Por acreditar no reposicionamento ao conhecer a verdade concernente às feridas psicocemocionais, criou recursos terapêuticos basilares e específicos: o “questionamento terapêutico”, que segue a proposta milenar da “maiêutica” socrática, método filosófico grego do séc. V-IV, a.c, com características próprias; e a proposição metodológica da “inversão direcional” que capacita a pessoa a perceber, de forma direta, à luz da consciência reflexiva, conteúdos psíquicos e existenciais registrados intuitivamente em seu psiquismo. Esses recursos permitem operacionalizar e potencializar a capacidade intuitiva do paciente, perceber as vivências de forma imediata e não reflexiva, como imagens internas de experiências emocionais conectadas a conteúdos psíquicos primordiais vividos e impressos, desde a fase intrauterina, na interioridade da pessoa. Esses conteúdos de sentidos, nomeados pela autora com frases-sínteses – sobre si mesmo (autoconceitos), sobre o outro e sobre o contexto circundante – podem ser destrutivas (negativas) e/ou construtivas (positivas) em concordância com os significados e sentidos, subjetivos e

intersubjetivos, configurados a partir da própria implicação da pessoa naquilo que lhe acontece (Jost de Moraes, 2007; Jost de Moraes, 2016).

#### O Método ADI/TIP:

*Ocorre de forma direta, sem utilizar os métodos tradicionais da Hipnose, da sugestão, da análise e da interpretação. Permite abordar e estudar a realidade integral e 'psiconoossomática' do Homem e aplicar seus resultados à pesquisa científica. Através da técnica do 'questionamento', que possibilita o acesso a interioridade humana por meio da percepção intuitiva, a pessoa é conduzida a indagar e descobrir respostas que revelam os conteúdos contidos no próprio inconsciente (Jost de Moraes, 2016, p. 461).*

Sem a necessidade das interpretações e sugestões, que levariam à racionalização, permite-se uma intervenção terapêutica de curta duração (10-15 sessões) composta por uma etapa preparatória (EPTs) e a Terapia de Integração Pessoal (TIP) propriamente dita.

O TIP-terapeuta não trabalha com sintomas específicos, mas com as raízes do sofrimento psíquico, registros bases, núcleo sobre o qual se assentou toda uma ramificação de sintomatologias físicas, psíquicas e relacionais. Assim, quando um núcleo enraizador de sofrimento

é identificado, consente-se a percepção, compreensão e “decodificação” ou o desmanche da rede de distorções vinculadas aos conteúdos geradores de sofrimento psíquico, eliminando inúmeros sintomas, conhecidos ou não pelo paciente. “Tudo se passa como se o inconsciente fosse uma cidade soterrada da qual, através duma escavação cuidadosa e persistente, se expusessem, pouco a pouco suas múltiplas riquezas” Jost de Moraes (2016, p.34).

As respostas intuitivas, alcançadas sempre pelo próprio sujeito, delimitam um “inconsciente noológico” (Jost de Moraes, 2016, p.468) vinculado à vida interior e exterior e distinguido pela dimensão espiritual da Pessoa Humana, dimensão livre para se re-posicionar ao encontrar-se com o amor original. Jost de Moraes, a partir de sua vasta experiência e de seus sucessores que contabilizam 139 mil pacientes atendidos até o ano de 2019 afirma que: “pela ADI, verifica-se experimentalmente: existe um Amor que nos ama primeiro. E graças a isso, todos nós temos chance de viver a nossa ‘vocação’ primordial: a capacidade de amar!” (Jost de Moraes, 2016, p. 402). Porém, se o paciente “espera uma ‘cura que venha de fora’ sem esforço seu, dificilmente

tornará possível o trabalho terapêutico com este Método” (Jost de Moraes, 2016, p. 40).

Com efeito, para Jost de Moraes “é importante lembrar que não são tanto as situações problemáticas em si que nos fazem sofrer, e sim a atitude que assumimos” perante elas (Jost de Moraes, 2016, p. 43). Assim, o consagrado em crise pode posicionar-se de forma caótica ou abrir-se para descobrir em si mesmo as possibilidades de ressignificação.

Em síntese, o Método ADI/TIP apresenta-se como possibilidade para que o paciente olhe para dentro de si, permita-se garimpar e descobrir tesouros escondidos debaixo, às vezes, de camadas grossas de fuligem e,

(...) perceba-se cada vez menos como vítima indefesa daquilo que sofreu, passando a compreender sua própria participação na formação dos ‘registros’ inconscientes. O paciente, portanto, em vez de sentir-se o ‘produto do meio ambiente’, reconhece-se como responsável e fica preparado a assumir uma nova atitude após o tratamento (Jost de Moraes, 2016, p. 76).

Desse modo, percebe-se que quando o consagrado se submete à psicoterapia pelo Método ADI/TIP, “a sua ‘vocação’ se

distingue ainda com mais nitidez e serenidade: pois na ‘vocação religiosa’ a base de sustentação é exatamente o Amor; é o Amor da Fonte” (Jost de Moraes, 2007, p. 402).

## À Guisa de Conclusão

Mais que renúncia aos outros rostos do amor, o consagrado é um enamorado por Deus e seu Reino e dá seu sim ao chamado de amor. Ambos, chamado e resposta, renovam-se no dia a dia em seu coração indiviso. No amor a vida, abastece-se e renova-se e é o distanciamento desta fonte que esvazia o coração no qual surgem as crises que exigem um reposicionamento.

O Método ADI/TIP apresenta-se como uma possibilidade para este enfrentamento e o TIP-terapeuta é, na realidade, um grande testemunho de como a preciosidade humana pode ser obscurecida. Porém, sempre se surpreende com o que encontra enquanto garimpa: a inteireza humana revelada na beleza ímpar do Eu-Pessoal que é inteiro, livre, perfeito em sua origem, responsável único por suas decisões e posturas diante da vida e em constante relação consigo, com o tu e com o Absoluto.

## Bibliografia

- ANDREOLI, Vittorino. *Padres: viagem entre os homens do sagrado*. Tradução José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.
- CENCINI, Amedeo. *A hora de Deus: a crise na vida cristã*. Bolonha: dehoniano, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Com amor: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado: terceira parte*. (Tradução Euclides M. Balancin). São Paulo: Paulinas, 1997. Sinal e Serviço.
- CNBB, Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB, v. 93).
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Petrópolis, Sinodal, Vozes, 2018, 44<sup>a</sup> ed.
- JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós Sinodal "Vita Consecrata"* Disponível in: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031996\\_vita-consecrata.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html)> Acesso em 22 de jul. de 2020.
- JOST DE MORAES, Renate. *O inconsciente sem fronteiras*. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As chaves do inconsciente*. Rev. E coment. Belo Horizonte: Spes Editora, 2016, 31<sup>a</sup> ed.
- LIBANIO, João Batista. *Impactos da realidade sociocultural e religiosas sobre a vida religiosa consagrada a partir da América Latina*. Buscas de respostas. *Perspectiva Teológica* nº 37, 2005, pgs. 55/88.
- PINTOS, Claudio Garcia. *O mar me contou: a logoterapia aplicada ao dia a dia* Tradução Mitsuo Mario Chigutti. Varagem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2017, Coleção mens sana.
- STEIN, Edith. *La Estructura de la Persona Humana*. Madri: BAC, 2002.
- [www.tiplinica.com.br](http://www.tiplinica.com.br)

# AVE, SENHORA, RAINHA SANTA: ASPECTOS DA DEVOÇÃO MARIANA NA TRADIÇÃO FRANCISCANA

FREI HÉRCULES DE VASCONCELOS  
MORENO, OFMCAP<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo traz, desde seu título, a marca do amor para com Nossa Senhora, presente indelévelmente na Ordem Seráfica. A expressão “Ave, Senhora, Rainha santa,” é o título da “saudação à bem-aventurada Virgem Maria”, oração essa, composta por São Francisco de Assis, enaltecendo com vários títulos a Mãe de Jesus e nossa. Assim sendo, augura-se que este singelo artigo possa

tornar mais ardente e fervoroso o nosso amor e a nossa confiança para com Maria Imaculada, nossa Mãe e nossa Rainha, bem como estimule a tantos irmãos e irmãs a desenvolver novos trabalhos nessa temática.

*Palavras-chave: devoção, Maria, Rainha.*

## Introdução

O Seráfico Pai São Francisco nutria um especial amor e veneração pela bem-aventurada Virgem Maria, de modo que “se abrasava

<sup>1</sup> Frei Hércules de Vasconcelos Moreno é Frade Menor Capuchinho, da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil. Bacharel em Administração de empresas pela UFPB e Licenciado em Filosofia pela FAFICA.



Igreja Porciúncula - Assis/Itália - Fonte: Google

de devoção para com a Mãe de toda bondade” (cf. I Celano 21, 3). Seu confiante e filial afeto pela Imaculada Mãe de Deus é expresso sob vários prismas que vão desde seu carinho pela igreja de Nossa Senhora dos Anjos (Porciúncula), até ao fato de tê-la constituído como advogada da Ordem, confiando-lhe à sua proteção os filhos que haveria de deixar para serem aquecidos e protegidos (cf. II Celano 198, 3).

Ao longo dos séculos, os filhos e filhas do Pobrezinho de Assis expressaram de vários modos

o seu afeto e a sua confiança na Virgem Santíssima, a qual, desde os primórdios da história franciscana, ocupou importantíssimo lugar no culto, nas devoções e, sobretudo, nos corações dos que, chamados por Deus, constituíram e constituem a Família Franciscana ao redor do mundo e em todas as épocas.

De fato, é com razão que louvamos a Imaculada Mãe de Deus, e, desde as origens do franciscanismo, muitos foram os que honraram a Virgem Maria, a exemplo de Santo Antônio, em seus Sermões

Marianos, o qual, no prólogo dos mesmos, disse com doçura e piedade acerca de Nossa Senhora: “Como a estrela da manhã, no meio da névoa, e como a lua cheia, brilha durante a sua vida. E é como um sol refulgente. É como um arco-íris que reluz entre as nuvens da glória, e como a flor da rosa em dias de primavera, e como os lírios que estão junto da corrente da água” (SANTO ANTÓNIO, 2017, p. 1493).

Desse modo, o presente artigo traz, desde seu título, a marca do amor para com Nossa Senhora, presente indelévelmente na Ordem Seráfica. A expressão “Ave, Senhora, Rainha santa” é o início da “Saudação à bem-aventurada Virgem Maria”, oração essa, composta por São Francisco de Assis, enaltecendo com vários títulos a Mãe de Jesus e nossa. Assim sendo, augura-se que este singelo artigo possa tornar mais ardente e fervoroso o nosso amor e a nossa confiança para com Maria Imaculada, nossa Mãe e nossa Rainha, bem como estimule a tantos irmãos e irmãs a desenvolver novos trabalhos nessa temática.

## A Porciúncula e as antífonas Marianas

O Venerável Patriarca de Assis tinha grandiosa estima

pela Igreja de Nossa Senhora dos Anjos (conhecida como “Porciúncula” - pequena porção), a qual ele mesmo restaurou, pois aquele local sagrado “estava cheio de uma graça mais abundante e era frequentado do alto pela visita dos espíritos celestes” (cf. Espelho da Perfeição 83, 2).

Sobre a obra de restauro, descrita por São Boaventura em sua Legenda Maior (2, 8), bem como na Legenda dos Três Companheiros (32), há uma terna narração contida na obra “A Harpa de São Francisco”, do Holandês Felix Timmermans, ressaltando o puro amor de Francisco pela Virgem e por sua igreja:

*[...] E agora, veio a grande tarefa: Restaurar a pequena igreja de Nossa Senhora, lá embaixo no bosque dos carvalhos, a uma hora de distância [...] De fato, essa era uma grande tarefa que não terminaria neste ano. Mas, isso não tinha importância, pois não era um prazer poder trabalhar para Nossa Senhora? Trabalhar assim era uma festa (TIMMERMANS, 2019, p. 97).*

Realmente, tamanho era o amor de Francisco por aquele sacro lugar, que o mesmo pediu que os frades jamais deixassem tal capela.: “Filhos, tende cuidado de nunca abandonar este lugar. Se vos expulsarem de uma parte, entrai por outra; pois este lugar é verdadeiramente santo

e a morada de Cristo e de sua Virgem Mãe. [...] Aqui, quem rezar com o coração devoto obterá o que pedir” (cf. Espelho da Perfeição 83, 3.5).

Acerca do especial carinho e veneração de Francisco pela igreja da Porciúncula, São Boaventura traz um precioso e belo relato:

*Terminada finalmente esta igreja [São Damião], foi para um lugar que se chama Porciúncula, no qual existira uma igreja da Beatíssima Virgem Mãe de Deus, construída antigamente, mas agora abandonada, sem que ninguém dela cuidasse. Quando o homem de Deus a contemplou tão abandonada, pela fervorosa devoção que tinha para com a Senhora do mundo, começou a morar ali assiduamente, para a restauração da mesma. E, sentindo aí a frequência das visitas angelicais, de acordo com o nome desta igreja que desde a antiguidade era chamada Santa Maria dos Anjos, estabeleceu-se aí por causa da reverência aos anjos e por causa do amor especial à Mãe de Cristo. O santo homem amou este lugar mais que os outros lugares do mundo; pois aqui ele começou humildemente, aqui ele progrediu virtuosamente, aqui ele terminou de maneira feliz, e na morte recomendou este lugar aos irmãos como o mais caro à Virgem (cf. Legenda Maior 8, 1-4).*

Ainda em nossos dias, e cumprindo o pedido do Pai Francisco, a família franciscana se faz presente na referida capelinha da Porciúncula, recebendo dela a

profusão de bênçãos e favores celestiais, concedidos cotidianamente, mas, sobretudo, na festa de Nossa Senhora dos Anjos, também conhecida como “Perdão de Assis”, a qual é celebrada no dia 02 de agosto. Tal feito concede indulgência plenária aos fieis que a visitam em espírito contrito, conforme as prescrições da Igreja.

São Francisco ainda honrou a Bendita Mãe de Deus com duas orações a ela dedicadas: a antífona “Santa Virgem Maria” e a “saudação à bem-aventurada Virgem Maria”: Ambas, plasmadas por uma profunda,terna e doce confiança em Nossa Senhora, enaltecendo-lhe com louvores e suplicando-lhe a constância de seu maternal amparo para consigo, para com todos os confrades e, certamente, para com todos os que se confiam ao seu patrocínio celestial.

A primeira, trata-se de uma oração que faz parte do texto do Ofício da Paixão, sendo sempre recitada ainda no início de cada hora de oração, louvando a Mãe de Jesus e suplicando-lhe a bondosa intercessão, juntamente com São Miguel Arcanjo e toda a milícia celeste:

*Santa Virgem Maria, entre as mulheres do mundo, não nasceu nenhuma semelhante a ti, ó filha e serva do altíssimo e suma Rei e Pai celeste, mãe de nosso santíssimo*

*Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo: roga por nós, com São Miguel Arcanjo e com todas as virtudes dos céus e com todos os santos, junto a teu santíssimo e dileto Filho, Senhor e Mestre. (Antífona “Santa Virgem Maria”).*

A outra oração é, além de um louvor a Nossa Senhora, uma espécie de ladainha, na qual São Francisco remete alguns títulos a Mãe de Deus:

*Ave, Senhora, Rainha santa, santa Maria mãe de Deus, virgem feita igreja e que do céu foste escolhida pelo santíssimo Pai, a quem consagrou com seu santíssimo e dileto Filho e com o Espírito Santo Paráclito, e em quem esteve e está toda a plenitude da graça e todo o bem! Ave, palácio do Senhor! Ave, tabernáculo do Senhor! Ave, casa do Senhor! Ave, vestimenta do Senhor! Ave, serva do Senhor! Ave, Mãe do Senhor, e vós, santas virtudes todas, que pela graça e iluminação do Espírito Santo sois infundidas nos corações dos fieis para os tornardes de infieis em fieis a Deus (Saudação à bem-aventurada Virgem Maria).*

Também, Santa Clara de Assis expressou sua profunda devoção e amor para com Maria Santíssima, chamando-a, conforme sua lenda, de Mãe da misericórdia (cf. Lenda de Santa Clara 8,4) e invocando a intercessão de seus méritos, a fim de obter para si e para suas irmãs, a graça da perseverança até o fim (cf. Testamento de Santa Clara 77-78). De fato, no momento do

Trânsito de Santa Clara, uma de suas irmãs testemunhou a visita de Maria Santíssima ao leito de Clara, onde a “gloriosa senhora bem-aventurada Virgem Maria preparava alguma de suas roupas para vestir a nova Santa” (cf. Processo de canonização de Santa Clara 11, 4).

Dentre tantos ilustres nomes da família seráfica, convém ressaltar, ainda, o Beato João Duns Scotus, o qual foi um incansável arauto da Imaculada Conceição de Maria, “doutrina que, recolhida da crença do povo cristão, em fins do século XIII, os doutores franciscanos levaram para as escolas; daí em diante seria questão de honra da família seráfica inteira” (IRIARTE, 1985, p. 202).

## As devoções marianas no franciscanismo

Várias são as manifestações de devoção à Virgem Santíssima, presentes na família franciscana, desde a composição do Ofício da Imaculada Conceição, pelo observante Frei Bernardino de Bustis no século XV (cf. Ofício da Imaculada Conceição, 2004, p. 7), até a coroa franciscana das sete alegrias de Nossa Senhora, devoção que também remonta ao século XV e que foi bastante difundida por São Bernardino de Sena:

*Em 1442, no tempo de São Bernardino de Siena, se difundiu a notícia de uma aparição da Virgem a um noviço franciscano. Este, desde pequeno, tinha o costume de oferecer à bem-aventurada Virgem uma coroa de rosas. Quando ingressou entre os Irmãos Menores, sua maior dor foi a de não poder seguir oferecendo à Santíssima Virgem esta oferenda de flores. Sua angústia chegou a tal ponto que decidiu abandonar a Ordem Seráfica. A Virgem apareceu para consolá-lo e lhe indicou outra oferenda diária que lhe seria mais agradável. Sugeriu-lhe recitar a cada dia sete dezenas de Ave Marias intercaladas com a meditação de sete mistérios gozosos que ela viveu em sua existência. Desta maneira teve origem a coroa franciscana (cf. Santos Franciscanos para cada dia).*

Destarte, a Beatíssima Virgem Maria, “por ser a mãe de Jesus tem relação íntima com as três Pessoas divinas. É a filha muito amada do Pai e associada na obra da Encarnação. É a Mãe do Filho, com direito a dele ter respeito, amor e, na terra, até mesmo obediência” (TANQUEREY, 2018, p. 111). Assim sendo, desde as origens da frondosa árvore franciscana, prestou-se especial culto àquela que “é o templo vivo, o santuário privilegiado do Espírito Santo e, em sentido analógico, a sua Esposa, posto que com Ele e dependendo Dele, contribui na regeneração das almas para Deus” (TANQUEREY, 2018, p. 112).

Tendo em consideração a grande importância da Virgem

Santíssima na obra da salvação, em múltiplos tempos e lugares, a família franciscana externou de vários modos o seu filial afeto para com Maria Santíssima, buscando, por meio de vários exercícios de piedade e devoções particulares, fomentar no coração dos fieis, um renovado e fervoroso preito de confiança para com Nossa Senhora, aquela “que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas” (Ct 6, 10).

Desta forma, os três ramos da primeira ordem esforçaram-se para incutir ardentemente no espírito de todos quantos lhes ouviam, um ardoroso amor para com a Mãe de Deus:

*A devoção à Santíssima Virgem revestiu-se de forma solene e como que oficial na exaltação do privilégio da Imaculada Conceição de Maria, proclamada padroeira de toda a Ordem no capítulo geral de Toledo de 1645. E teve manifestações mais íntimas e espirituais em iniciativas como a da escravidão mariana. A primeira ‘irmandade dos Servos da Virgem, Mãe de Deus’ foi fundada no convento das religiosas concepcionistas de Santa Úrsula de Alcalá. [...] Foi confirmada, canonicamente, por Inocêncio XI, em 1685, e por Clemente XII, em 1720.*

Os capuchinhos promoveram, no século XVIII, com grande entusiasmo, a devoção a Maria sob

a invocação de Divina Pastora, que teve por apóstolo Isidoro de Sevilha e mais tarde o beato Diogo de Cádiz. Na Alemanha, os pregadores capuchinhos promoveram, no século XVII, o culto a Maria Auxiliadora, sobretudo através da confraria conhecida pelo nome de Maria-Hilf, fundada em 1684 pelo Frei Albano de Munique. A Frei Jerônimo de Forli (+ 1630) deve-se o costume de coroar solenemente as imagens de Maria. Coube à Ordem capuchinha mérito especial pela instituição da festa do Nome de Maria, decretada por Inocêncio XII, em 1682, em agradecimento pelo triunfo obtido contra os turcos.

Os conventuais tiveram grande influência na vida religiosa do povo através de iniciativas de piedade e instituições de importância. Desde o século XV, começaram a propagar a Corona franciscana ou rosário das sete alegrias da Virgem. (IRIARTE, 1985, p. 321-322).

Bem sabemos do incomensurável valor da piedade mariana, da qual, certamente, ouvimos e aprendemos desde tenra idade, no seio familiar. Entretanto, com muito mais razão, enquanto religiosos (as) devemos nutrir em nós e em nossas comunidades, uma singela confiança naquela que nos

foi dada por Mãe pelo próprio Senhor Jesus: “Eis tua mãe” (Jo 19, 27). Acerca disso, um piedoso capuchinho, Frei Batista de Núrsia, já advertia, séculos atrás: “Meu filho, tu não perseverarás na vida religiosa, se não fores devoto de Nossa Senhora, que é mãe de todos, mas, especialmente, de seus devotos” (CRISCUOLO, 2007, p. 395).

Enfim, por onde passou e se instalou, a Ordem Franciscana trouxe consigo, através das Santas Missões, da presença fraterna e do testemunho dos religiosos e religiosas, além de devoções como o Ofício da Imaculada Conceição, o Sacratíssimo Rosário e a Coroa Franciscana, grande veneração pela Virgem Santíssima, recebendo especiais títulos devocionais, a depender do local em que estivessem, tendo em vista que em vários lugares a Virgem Maria é exaltada como excelsa padroeira de várias províncias, conventos, mosteiros e/ou fraternidades da família franciscana.

## Considerações finais

Em todas essas devoções, a família de Francisco e Clara de Assis, veneram e louvam a única e mesma Mãe de Deus, expressando num especial título ou exercício de piedade a

sua incondicional confiança na Mãe de toda bondade e ternura, pondo-se sob seu manto maternal e recorrendo com fé em todas as circunstâncias da vida, recordando-se da conhecida prece, composta por São Bernardo de Claraval, que é recitada por tantos lábios devotos e pulsada em tantos corações fervorosos: “Lembraí-vos, ó Piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que a Vós têm recorrido, implorado vossa assistência e invocado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado” (EDUARDO, 1959, p. 257).

Que as várias celebrações marianas no ano litúrgico sejam um oportuno momento para renovarmos nossa fé em Jesus Cristo, o filho bendito da Virgem Maria, e que, comprometendo-nos sempre mais com o Reino de Deus, possamos proclamar concretamente em nossa vida, assim como fez Nossa Senhora, um cântico de louvor e ação de graças: “Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus” (Lc 1,46-47).

Assim sendo, com fé e confiança, acerquemo-nos todos sob o patrocínio e a defesa da Imaculada Mãe de Deus – auxílio dos cristãos, refúgio dos pecadores, saúde dos enfermos e consoladora dos aflitos – a qual

nos acolhe e nos envolve com seu tutelar manto de candura e proteção, apontando-nos sempre para seu Benditíssimo Filho Jesus Cristo, e pedindo-nos: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

## Questões para reflexão

1. Em nossas comunidades, como podemos estimular a piedade popular a externar seu carinho e devoção para com Nossa Senhora? Quais expressões de fé podemos fomentar? Novenas? Procissões? Celebrações?
2. Como está nossa relação pessoal com a Mãe de Jesus, a qual é modelo de seguimento e discipulado ao seu Filho? Quais virtudes de Maria Santíssima precisamos mais refletir em nossa vida?
3. Como dinamizar nossos momentos orantes em torno de Maria Santíssima? Ladainhas? Terço em comunidade? Ofício da Imaculada? Testemunho de graças alcançadas? Histórico dos títulos de nossa devoção?

## Referências

- BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. Português. 4. imp. São Paulo: Paulus, 2006.
- CRISCUOLO, Vincenzo (Org). Os Capuchinhos: Fontes documentárias e narrativas do primeiro século (1525-1619). Brasília: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2007.
- EDUARDO, Dom Frei. Adoremus: Manual de orações e exercícios piedosos. 29 ed. Salvador: Editora mensageiro da Fé, 1959.
- FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- IRIARTE, Lázaro. História Franciscana. Tradução de Adelar Rigo e Marcelino Carlos Dezen. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1985.
- OFÍCIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO. 210 ed. São Paulo: Editora Canção Nova, 2004.
- SANTO ANTÓNIO DE LISBOA. Fontes Franciscanas III – Legendas e Sermões. 2 ed. Braga: Editorial Franciscana, 2017.
- SANTOS FRANCISCANOS PARA CADA DIA. Ed. Porziuncola. Disponível em: <https://cffb.org.br/coroa-das-7-alegrias-de-nossa-senhora-ou-coroa-franciscana/>. Acesso em 09 de maio de 2020.
- TANQUEREY, Adolphe. Compêndio de Teologia Ascética e Mística. Tradução de Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- TIMMERMANS, Felix. A Harpa de São Francisco. Tradução de Conrado Vasselai. Petrópolis: Vozes, 2019.



# FRATELLI TUTTI

**E VIDA RELIGIOSA  
CONSAGRADA NO BRASIL**

**SUBSÍDIO 1**

**JÁ À VENDA!**

**R\$ 7,00**

**(JÁ INCLUSO FRETE)**

PARA AQUISIÇÃO ENTRE EM CONTATO:

[publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)

Fone: (61) 3226-5540 - CRB Nacional

## RESENHA

## VIVER EM COMUNIDADE PARA A MISSÃO

PE. JALDEMIR VITÓRIO SJ

*OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Viver em comunidade para a missão – um chamado à Vida Religiosa Consagrada. São Paulo: Paulus, 2013, 118 pp. ISBN 978-85-349-3595-1.*

A obra foca dois pilares do carisma da Vida Religiosa Consagrada (VRC), na sua vertente apostólica: comunidade e missão. Pode-se dizer que a VRC se articula como comunidade missionária e missão comunitária. Cada religioso e cada religiosa devem trazer no coração o desejo profundo de partilhar com irmãos e irmãs a missão batismal, balizada pelo carisma congregacional com sua espiritualidade e suas opções pastorais, visibilizadas em tantas frentes de serviço ao Povo de Deus. Quem



JOSÉ LISBOA MOREIRA DE OLIVEIRA



não se sente motivado para a vida comunitária, tampouco se convence do inestimável valor de caminhar com irmãos e irmãs à

braços com a missão, está muito distante do carisma da consagração na vida religiosa.

Os seis capítulos do livro, escritos com simplicidade e leveza, ajudam a mergulhar nessa temática. O primeiro chama a atenção para as dificuldades colocadas pela cultura atual para se viver em comunidade, onde se “pode até estar fisicamente perto dos outros, mas paradoxalmente, [estar] separado deles”. Ao mesmo tempo, a cultura revela valores esquecidos como a provisoriedade, a redescoberta da corporalidade, da individualidade e da pluralidade, o sentido da diferença, bem como sensibiliza “para a participação e para a atuação em espaços e organismos de solidariedade e de transformação da sociedade”.

O segundo explicita o sentido cristão da comunidade. Longe de ser puro “comunitarismo” (tirania dos interesses do grupo), “comunidades-cabide” (em que as pessoas penduram seus problemas), onde se cultiva a “cultura do cassino” (cada um joga para defender os interesses pessoais), a comunidade cristã, como se descreve nos Atos dos Apóstolos, gira em torno da “escuta da Palavra”, da “koinonia”, da participação, do temor, enquanto “respeito e amor a Deus”. Comunidade aberta, ecclesia, que

vive “para o povo e com o povo”, com sobriedade e gratuidade.

O terceiro foca a dimensão missionária da comunidade, que se torna “sujeito e lugar da missão”. A depositária da missão é “a comunidade eclesial e não [o] indivíduo isolado”. Nela não pode haver espaço para o “subjetivismo frágil”, nem para o “devocionalismo”, com suas “beatices” e “moralismo”, que levam a perder o foco da missão. Daí a necessidade de “reconfigurar” o carisma missionário da VRC, considerando os fatores sociológicos, teológicos e antropológicos, implicados em sua descaracterização. Existem vários modelos de comunidade. No entanto, só as “comunidades para o Reino” correspondem ao ideal cristão. Cada pessoa, aí, tem seu valor reconhecido e, ao mesmo tempo, sente-se chamada a se unir a outras para o serviço do Reino, como corpo apostólico. Um pressuposto incontornável para se atingir esse patamar consiste na contínua “conversão humanizadora”, experiência de superação diuturna dos fatores de desintegração do espírito comunitário e, por consequência, de diminuição do zelo missionário.

A partir do quarto capítulo, a reflexão centra-se, mais claramente, na VRC. Tendo como ponto de partida “a vocação missionária da VRC”, o autor se

pergunta: “qual é mesmo a missão da VRC?”. E a caracteriza por sua “liminalidade” (coragem de se colocar nas fronteiras), sendo incentivo para que a Igreja dê passos na direção do testemunho do Evangelho, bem como por sua contraculturalidade profética, que a torna livre, até mesmo em face das amarras eclesiais. Para que isso se concretize, torna-se “indispensável cultivar uma profunda espiritualidade missionária”, somada à redescoberta da “beleza de viver juntos como irmãos e irmãs”, fundamento da koinonia. Pressupõe-se, também, a inserção na realidade humana, sem idealizá-la ou demonizá-la, fruto da “capacidade de aprender”, numa atitude de abertura e de diálogo. Outro pré-requisito é a “projetualidade”, correspondente à clareza em relação aos rumos a serem dados à missão, com as respectivas metodologias e metas a serem alcançadas. Para tanto, um último pressuposto refere-se à “educação para a missão”, de forma a não confundir com “fazer pastoral”. A missão concretiza-se como testemunho, serviço, comunicação e partilha, que a projetam para além de certas atividades, embora importantes, em que os religiosos e as religiosas se empenham.

O quinto estabelece a correlação entre “vida fraterna, votos

e missão”, chamando a atenção para a dimensão missionária dos votos de castidade, pobreza e obediência. A castidade “liberta a pessoa para um modo diferente de amar em profundidade”. A pobreza, com a exigência de partilha dos bens, permite “ir ao encontro do outro, da outra, sem medo dos fracassos”, por não se ter nada a perder e por se reconhecer sustentado por Deus. A obediência torna-se valiosa para a missão na medida em que o superior ou a superiora se torna mediação para o conhecimento da vontade de Deus, que envia para os mais distintos campos de atuação aqueles e aquelas que, na VRC, empenham-se por serem fiéis à sua vocação-missão baptismal.

O sexto gravita em torno da “vida fraterna, carisma e missão”. Consiste numa chamada de atenção para a importância de se encontrar a congregação certa, onde os carismas pessoais sejam valorizados e partilhados na ação missionária. Embora alguém seja carregado de dons, caso se equivoque na opção congregacional, será um missionário ou missionária frustrado, sem o devido sentido de pertença ao corpo apostólico no qual se inseriu. “O equilíbrio entre a identidade pessoal e a identidade do instituto não é algo natural”,

antes, resultará de um discernimento continuado. Assim, a vivência da solidariedade e o desabrochar da riqueza que cada um e cada uma trazem em si lhes darão uma identidade religiosa, marca de um corpo apostólico congregacional e distintivo da ação pastoral de seus membros.

Viver em comunidade para a missão contém intuições ricas

que podem ser aprofundadas em reuniões comunitárias, em experiências de retiro e de meditação pessoal. Um fruto desejável será a superação das desavenças desagregadoras, pela ação do Espírito de Deus, e a retomada do bom caminho do carisma congregacional, com seu desafio de ser comunidade missionária comprometida com uma missão comunitária.

## A HORA DE DEUS – A CRISE NA VIDA CRISTÃ

IR. LAURO DAROS

*CENCINI, Amadeo. A Hora de Deus – a crise na vida cristã. Tradução: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011. 346 páginas.*

Gianfranco A. Gardin, ofm, no Prefácio, assinala, entre outros, dois importantes motivos pelos quais o texto é recomendado às “vítimas e beneficiados” da crise, aos formadores e orientadores ou acompanhadores espirituais: o livro oferece uma preciosa ajuda à prática de uma verdadeira formação permanente; o discurso de Cencini representa uma importante ajuda para superar uma concepção da crise como inimiga ameaçadora e vê-la como uma amiga estimulante, que raia uma nova luz para ver e saborear coisas novas.

O autor Amadeo Cencini é um pensador fundamental para a

formação permanente da VRC. É sacerdote e religioso canossiano, professor de pastoral vocacional e formação para o discernimento, bem como de psicologia aplicada ao curso de formadores. É autor de inúmeros livros, alguns dos quais traduzidos no Brasil.

A contracapa traz um pensamento chave do livro, que esclarece bem a visão do autor sobre o conceito de crise: “Crise é uma palavra que não precisa ser explicada; pelo contrário, é ela quem explica. De fato, ela está se tornando uma espécie de chave de leitura da atual identidade da vida sacerdotal e religiosa. A crise é componente normal da vida humana, acompanha-a como amigo que incomoda, quebra certos equilíbrios e às vezes é até devastador: é um amigo crítico”.

A crise remete a um problema ou a um conflito, e a primeira medida a se fazer é identificar a causa, não apenas em suas manifestações externas, mas também na sua origem mais profunda. É preciso ir ao coração do problema, que é sempre e sobretudo problema de liberdade.

A crise tem seu significado, mas existem diversos modos de vê-la, e é importante ver como as crises podem ser interpretadas pelas diversas pessoas. Assim, pode-se dizer que do modo de interpretar as situações críticas é possível intuir o tipo de personalidade de quem está imerso na crise.

A crise não é uma situação estranha, considerando que a atenção ao humano e ao divino nos faz intuir que o contraste entre os dois planos (o natural e o transcendente) pode chegar a ser nítido e radical, e quanto mais o humano se abre ao divino, mais perceberá dentro de si uma resistência.

Neste sentido, a crise se torna luta: luta psicológica, luta espiritual, luta psicológico-espiritual. Cada pessoa encara essa luta de acordo com seu estágio evolutivo. Em alguns, há ausência de qualquer vontade de lutar; são inertes e submissos. São pessoas medíocres, religiosos e religiosas sem vida, acomodam-se na zona de conforto, estacionam no patamar da mediocridade.

Para dar passos, saltos, voos na maturidade da vida é necessário reconhecer as crises, não somente por parte de quem está passando pela crise, mas também dos que vivem perto da pessoa com crise. A crise somente se torna graça se enfrentada pela pessoa e pelo ambiente que a circunda.

A travessia da crise envolve é um percurso de amadurecimento, de crescimento, um processo evolutivo. Então não deve ser visto como se fosse exclusivamente um inimigo a ser combatido e eliminado, as deve ser vivida plenamente, pelo significado que encerra para o crescimento.

Na VRC, é já na formação inicial que os religiosos e as religiosas são preparados para viverem as crises. Portanto, é necessário, no caminho da primeira formação, permitir a experiência das crises. A pessoa deve ser treinada para enfrentar os momentos críticos da vida a fim de enfrentá-los para o próprio crescimento.

A obra *A Hora de Deus*, embora esteja voltada para a formação inicial e permanente da VRC, é alimento e graça para todas as pessoas que desejam fazer uma caminhada concreta de amadurecimento, considerando que toda a humanidade é chamada a amadurecer para o Reino, para a Pátria Celeste, para Deus.



  
**CRB NACIONAL**  
**REGIONAIS**

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)  
 CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL  
 BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE  
 CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

**ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020**



Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: [convergencia@crbnacional.org](mailto:convergencia@crbnacional.org)  
 Pode também acessar o site e imprimir o boleto: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Nome completo: .....

Congregação: .....

Endereço: .....

CEP (código postal): .....

Cidade: .....

UF: .....

País: .....

Nova assinatura ( )  Renovação ( )

Telefone: ( ) .....

E-mail: .....

Forma de pagamento:

Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência:..... C/C:.....

**Valor da Assinatura:**

Brasil: R\$ 145,00

América Latina e Caribe: U\$ 80

Europa: E 70

Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag:452-9-C/C:306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar ). Enviar o comprovante para a CRB Nacional ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)).